

Collecção «OPUS DEI» — I Série — Liturgia e Monaquismo
(VI VOLUME)

A MISSA E A VIDA INTERIOR

Artigos publicados na «Opus Dei» por D. Bernardo de Vasconcelos, de santa memória.

2.^a EDIÇÃO

4.^o milhar



————— 1936 —————
Edição da «OPUS DEI»
————— B R A G A —————



IMPRIMATUR
BRAGA, 28 DE SET. DE 1936
C. A. Gonçalves Pires
Vigário Geral

"PAX" - TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÃO - BRAGA

Prefácio dos Editores

No dia 4 de Julho de 1932 expirava santamente, numa casa-sanatório da Foz do Douro (R. S. Bartolomeu, 29), D. Bernardo de Vasconcelos, que desde logo todos iam venerar como santo e invocar com devoção, sendo recompensados com graças, espirituais e temporais, obtidas por sua intercessão.

Por decretos insondáveis da divina Providência, o fervoroso Monge Beneditinò, que muitas vezes anunciara que ia morrer antes do dia 8 de Julho em que completaria 30 anos, e que no dia 3 de todos se despedia para voar para o céu, não ohegou a ver o seu livro de poesias — CANTICO DE AMOR — em que, desde os seus tempos de Coimbra, vertera tòda a sua alma.

Safa êsse delicioso livrinho do prelo nessa hora feliz em que a alma do Monge-Poeta, despojando-se de seu corpo mortal, ia cantar no oéu o eterno e beatifloante Amor.

Um outro livrinho, que também lhe jorrara espontâneamente do coração, quisera ver nas mãos de todos êste zeloso Apóstolo do bem, que já antes dera à luz a VIDA DE S. BENTO CONTADA ÀS ALMAS SIMPLES e a tradução da VIDA NA PAZ.

Desejava ardentemente publicar, em volume, os artigos que sòbre A MISSA E A VIDA INTERIOR escrevera na Revista OPUS DEI,

de 1927 a 1930!... Para êsse livrinho até re-
digira o Prefácio...

Mas Deus não lhe permitiu gozar desta
consolação na terra,,, Reservava-lha para
quando, da Visão da Paz, pudesse, com sua
intercessão, ajudar os seus leitores a melhor
compreender o sublime MISTÉRIO DA FÉ,
que sua alma santa vivia profundamente.

E agora que os seus escritos são lidos
êvidamente e, confessam todos, com muito
fruto, os Editores da OPUS DEI sentir-se-iam
gravemente culpados se não realizassem
plenamente os santos desejos de quem na
OPUS DEI colaborou sempre com carinho,
perseverança e um saoriffioio que só Deus
conheceu e já terá recompensado supera-
bundantemente.

Para apresentar aos leitores êste livri-
nho do santo Monge, cuja autobiografia —
VIDA DE AMOR —, tôda resoendente de virtu-
des, é por todos delioiosamente saboreada,
com grande proveito espiritual, não encon-
tramos nada de melhor do que as palavras
dum amigo íntimo do Autor — R. P. Moreira
das Neves. (1)

«A MISSA E A VIDA INTERIOR constitui uma série de capítulos adoráveis pela simplicidade de linguagem — a pênna escreve o que lhe dita o coração — e pela estranha subtileza psicológica que revelam.

«São êsses capítulos um trabalho de mística vivida com entusiasmo e com ternura, no meio das dores que o não deixavam e que êle aproveitava, àvidamente, como se fôsem diamantes que Deus lhe mandasse das alturas do Céu.

«A Liturgia toma aí um ar de comunhão íntima com Deus.

«E' a alma tôda do Poeta-Monge que se comenta diante do Sacrário, que fixa o olhar saudoso e alvorotado na «Hóstia redonda como o sol e o mundo», e tôda se torna um incêndio de amor a consolar o Amor que não é amado.

«D. Bernardo escreveu A MISSA E A VIDA INTERIOR aos poucos, nos raros momentos em que a doença implacável lhe permitia passar ao papel, em letra miudinha, os seus melhores pensamentos, ou ditar a sua querida Irmã e enfermeira desvelada palavras que parecem o próprio sangue do seu coração derramado às gotas, na mais santa das resignações.

«... Entretanto, vou tentando escrevi-

nhar umas coisitas que possam ser úteis para as almas. Tenho entre mãos um trabalho começado no meu saudoso Mont-César... Intitulo-o — A MISSA E A VIDA INTERIOR — afim de fazer viver êste princípio consagrado pela Santa Igreja : — « A Missa é a fonte de tôda a santidade ».

« Lembro-me de que, num dos últimos meses da sua penosa existênciã, me disse-
ra, em conversa, no seu pequenino quarto na Foz do Douro :

« Tem lido, na OPUS DEI, os meus artigu-
tos sôbre a MISSA E A VIDA INTERIOR ?

« Aquilo é, na verdade, um estudo que
me apaixonã. Tudo, mais tarde, reünido em
volume talvez fizesse algum bem às al-
mas ».

E já fêz muito. Três mil exemplares
esgotaram-se rapidamente. Tão excelente
fruto difundi-lo-á ainda mais esta nova edi-
ção. Assim o pedimos fervorosamente a
Deus, enquanto depomos, na capela de Nos-
sa Senhora das Dores da igreja de S. Ro-
mão do Corgo, sôbre os restos mortais, tão
veneráveis e tão venerados, de D. Bernar-
do de Vasconcelos, a 2.^a edição dêste livri-
nho que o seu coração criou com ternura e
sua vida santa viveu com amor.

Duas palavras

A Eucaristia, diz S. Tomaz, é *sacrifício* enquanto a oferecemos e *sacramento* enquanto a comemos.

Ora muitos fiéis perderam a noção do laço íntimo que liga a Missa e a Comunhão; separam, no Saorificio Eucarístico, a Eucaristia-Sacramento da Eucaristia-Sacrificio. (1)

Mas não há, não pode haver aquela sem esta.

De facto o « Sacrificio é, sob o ponto de vista dogmático, litúrgico e ascético, a essência da Eucaristia »; e, por outra parte, a Comunhão é parte *integrante* da Santa Missa, de tal sorte que « o Santo Sacrificio será tido por incompleto, mutilado, se não houver nele ao menos um comungante — o Sacerdote ».

Por conseguinte, aqueles que vivem da Eucaristia-Sacramento devem viver da Eucaristia-Sacrificio que é o seu princípio e a sua fonte; devem integrar aquela nesta, ao menos *intencionalmente*.

Mas, como não *vivem* a Eucaristia-Sacrificio, esquecem facilmente a parte que de-

(1) « A Eucaristia não é apenas a Comunhão, nem a Santa Reserva, exposta à veneração dos fiéis; é o Sacrificio... » (— D. António Coelho — Curso de Liturgia Romana — 2.º vol. pág. 165) — « Sem Sacrificio não há Religião. Sem Sacrificio não há Redenção, não há vida católica, não há Eucaristia, não há comunhão ». (D. António Coelho — « Opus Dei » pág. 337 do n.º 9 — Julho de 1928).

vem tomar na Santa Missa como co-ofere-
ntes e co-vítimas.

E que perda enorme isso não represen-
ta na economia da sua vida espiritual!

Sendo assim, não admira que não te-
nham pelo Santo Sacrifício aquela veneração
e aquele carinho especiais de que deveriam
estar possuídos; não admira que lhes seja
indiferente comungar na Missa ou fora da
Missa; não admira que separem em certa
medida a sua vida interior da Santa Missa.

Pois bem. Se não pode haver Eucaristia-
Sacramento sem Eucaristia-Sacrifício, os que
vivem daquela devem viver desta, que é a
sua fonte.

Quere dizer: devemos viver a Santa
Missa. Ora a Santa Missa é o centro à volta
do qual gira toda a Liturgia. E a Liturgia «é
a fonte primária e indispensável do verda-
deiro espírito cristão».

Por conseguinte, a Missa deve ser o *cen-
tro* de toda a vida cristã perfeita, que se diz
interior enquanto «escondida com Cristo em
Deus».

Em conclusão: a missa deve ser o *centro
de toda a nossa vida interior*.

Estas páginas — agora reunidas em modesto volume — foram escritas com o fim de *ajudar os simples fiéis*, as almas pequeninas, a atingir esse objectivo tão transcendente: a sua *participação efectiva* no Santo Saorificio da Missa, para que, com tãda a consciência, ofereçam a Vítima Sacrossanta e se ofereçam a si mesmos e se alimentem da Eucaristia.

Numa palavra: para que vivam em tãda a sua plenitude a Eucaristia, Saorificio e Sacramento, e que vivendo-a se santifiquem cada vez mais, visto que é essa a vontade de Deus: *Haec est voluntas Dei sanctificatio vestra* (I Thess. IV, 3).

* * *

‡ Os três primeiros capítulos (Vou entrar no altar do Senhor! — Pequei muitas vezes, e — Senhor, tende piedade de nós —) visam a excitar nas almas a *compunção do coração*, base indispensável do edificio espiritual. Só assim se poderá dizer que está «edificado sãbre a pedra firme».

E' a *via purgativa*...

Depois a alma contempla, louva, bendiz, supplica e adora o Senhor (Glória) e forma no seu coração santos propósitos de O seguir até ao fim (Boa Nova) e oferece-se

com Ele em holocausto (Hostia pro hostia). Canta de novo extasiada as suas perfeições, os seus atributos, sobretudo a Santidade. E não se cansa de repetir que Ele é o Santo, Santo, Santo... (Prefácio).

Depois vem todo êsse colóquio misterioso do Cãnon. Dilata-se o coração em súplicas pela Igreja, militante e padeoente, e na recordação da Igreja triunfante.

E' soleníssimo o momento da *consagração*. E' o momento mais augusto da Santa Missa. Deus obedece à voz do Sacerdote...

E a alma contempla a Jesus ali presente no altar.

Prostra-se em adoração e reconhece, iluminada, que é «por Ele, com Ele, nEle, que é dada a Deus Pai, na unidade do Espírito Santo, tôda a honra e tôda a glória. («Per Ipsum...»)

E' a oração mais pura e mais alta.

E' contemplação — *via contemplativa*.

E então a alma tôda banhada da luz divina, tôda luz, sente desejo de se dar aos seus irmãos e faz-se tôda para todos (Osculo de Paz). E assim entra em união, em Comunhão com o Seu Deus (Osculo de Amor).

E' a via unittiva.

Finalmente dá-lhe graças, muitas graças, pelos benefícios recebidos.

Tôda a sua vida é uma incessante acção de graças (Lausperene), e ao mesmo tempo uma contínua preparação para uma união cada vez mais íntima com o Divino Espôso.

« Tornar mais conhecida e, consequentemente, mais amada e vivida a Santa Missa, que é o *centro do culto*, a alma da religião, o *programa de tôda a santidade* e uma admirável síntese do dogma e da moral, é cooperar na difusão do Reino de Deus nas almas, pois é dispô-las para um reconhecimento cada vez mais profundo e generoso dos soberanos direitos de Deus sôbre a sua vida. » (1).

Foi êsse desejo de fazer semelhante bem às almas o que, na elaboração destas singelas elevações, animou

O AUTOR

(1) D. Eugène Vandeur O. S. B. — La Sainte Messe — Notes sur sa liturgie — (Prefácio do autor),

SUMÁRIO

MISSA DOS CATECÚMENOS	<i>Preparação</i> (Parte <i>extrínseca</i> do Sacrifício)	I — Vou entrar no altar do Senhor !
		II — Pequei muitas vezes.
		III — Senhor, tende piedade de nós.
		IV — Glória a Deus nas alturas...
		V — Boa-Nova.
MISSA DOS FIÉIS	1. <i>Ofertório</i> (Parte <i>preparatória</i> do Sacrifício)	VI — Hostia pro hostia.
		VII — <i>Actio.</i> I — Prefácio e Cânon.
	2. <i>Consagração</i> (Parte <i>essencial</i> do Sacrifício)	VIII — <i>Actio.</i> II — Cânon-Consagração.
		IX — <i>Actio.</i> III — Cânon-Per Ipsum...
		X — <i>Actio.</i> IV — Doxologia.
	3. <i>Comunhão</i> (Parte <i>integrante</i> do Sacrifício)	XI — Ósculo de Paz.
		XII — Ósculo de Amor.
	4. <i>Acção de graças</i> (Parte <i>complementar</i> do Sacrifício)	XIII — Lausperene.

Vou entrar no altar do Senhor!...

Deus quiere a nossa santidade. Ele que-la porque nos ama infinitamente e nós devemos que-rê-la com Ele. Deus quiere tornar-nos santos, *fazendo-nos participar da sua própria Vida*; e, para isso, *adapta-nos por seus filhos* e herdeiros da sua glória infinita. Mas Deus dá-nos esta adopção unicamente *por seu Filho*, Jesus Cristo: é nEle, por Ele, que Deus se quiere unir a nós, e quiere que nos unamos a Ele.

Cristo é o caminho, o único caminho que nos conduz a Deus, *e sem Ele nada poderemos fazer.*

Só seremos santos na medida em que a Vida de Jesus Cristo estiver em nós (1). E' a vida interior...

* * *

O Evangelho fala-nos várias vezes da vida interior de Jesus: *passava as noites em oração*; a Maria e a José que o buscavam cheios de aflicção

(1) D. Columba Marmion «Jesus Cristo, vida da alma», «Pax», Braga, pp. 1 a 27.

respondeu: « não sabeis que importa ocupar-me das coisas do meu Pai? » . . .

Jesus é o nosso modelo: devemos imitá-lo. Também nós portanto devemos viver vida interior.

Também tu, meu irmão, quem quer que sejas, debes procurar ter vida interior.

Se vives no claustro e a não tens, desmentes a vida que professaste e mentes a Deus e aos homens.

Se vives no meio do mundo, debes fazer todos os esforços por viver cada vez mais essa vida, indispensável ao progresso da tua alma.

Talvez nas circunstâncias presentes não te seja — ou não te pareça — isso muito fácil; quer por não estares ainda bem desapegado de todo o mal, e consequentemente menos apto para a intensificação da vida da graça na tua alma — e neste caso debes procurar desde já remover todos os obstáculos —; quer por os teus deveres de estado te absorverem de tal modo a atenção e as energias que te seja — ou te pareça — menos fácil, nos poucos momentos livres, êsse convívio íntimo com o divino Espôso.

Sim, talvez isso te pareça menos fácil nessas circunstâncias, mas na realidade não é nada difícil.

Em primeiro lugar, é preciso que te habitues, como diz alguém, a *perder tempo* com a oração: — terás depois outra concentração de espírito, outra capacidade de trabalho que te permitirão realizar mais e melhor. E depois, mesmo no meio dos

afazeres de cada dia, quem é que não pode ao menos elevar o coração a Deus, de quando em quando ?

Se tu tenderes para Ele com tôdas as veras da tua alma, e O procurares de todo o teu coração, não só te não será difícil invocá-lo e lembrá-lo de vez em quando, mas até te será necessário pôr n'Ele, uma ou outra vez, os olhos da tua alma.

* * *

Talvez ainda não tenhas pensado a sério na vida interior, quem sabe se por te parecer um bem que te não é lícito desejar, por ser apenas concedido a alguns escolhidos, e não te julgares incluído nesse número.

Pois olha, meu querido irmão : também tu deves aspirar e tender para êsse bem. Encara isto, desde êste momento, como uma verdade indiscutível e começa a preparar-te *agora* mesmo para a viveres o melhor possível. Talvez seja para ti uma revelação, um mundo novo, como o tem sido para tantas outras almas.

E daí talvez a admiração; o entusiasmo, mil e nma energias que se despertam ; numa palavra — a vida nova da tua alma.

Admiração e entusiasmo, sim, como o de alguém que pensasse que o mundo acaba além, com aqueles montes distantes, onde o céu parece pousar e dêsse modo fechar o horizonte... e um dia, do mais alto dêsses mesmos montes visse novas

terras, o mar sem fim, novo céu, um novo horizonte a perder de vista... Mas então, dirás tu, também eu poderei correr essas terras e êsses mares, contemplar êsses céus?

Também eu poderei viver essa vida nova que os olhos da minha alma desconheciam?

Mas isto é grandioso e sublime!

Sim, meu filho, anda com confiança estes caminhos!

E' extraordinário, sim, e sublime, que o próprio Deus queira viver connosco, se digne viver *em nós!*

Mas é uma realidade. Procura vivê-la cada vez mais, encher, saciar, abismar a tua alma nela.

Anda, meu filho, anda. Não sou eu, pobre peccador, mas é Ele próprio que te chama: «Sêde santos, como o vosso Pai é santo!»

Abre, dilata o teu coração e sê dócil à Sua acção santificadora.

* * *

Também tu, meu irmão, quem quere que sejas, és chamado ao conhecimento místico de Deus, ao qual *todos* os fiéis *devem* aspirar.

Todos se podem e devem dispor para êsse favor de Deus, muito embora não possam, por suas próprias fôrças, elevar-se a êle.

¿Queres saber como dispor-te para essa graça, não extraordinária, mas *eminente*?

Olha: «evita o peccado que deforma a nature-

za; exercita as faculdades da alma e prepara-as — por meio da oração, para a graça que reforma; por uma conduta santa, para a justiça que purifica; pela meditação, para a sciência que ilumina; pela contemplação, para a sabedoria que dá a perfeição » (1).

* * *

Assim como tôda a vida de Jesus tendeu para a Cruz, e era dessa antevisão do Calvário e dos seus frutos que Ele, por assim dizer, recebia fôrça e alento; — assim também a nossa vida deve tender tôda para a renovação incruenta do Sacrifício da Cruz — a Santa Missa — sendo, para isso, uma contínua preparação e ao mesmo tempo uma acção de graças incessante; e é na *participação efectiva* da Santa Missã que devemos haurir novas fôrças e novo vigor (2).

* * *

Ah! se nós vivêssemos a Santa Missa!

Se assistíssemos a êsse Sacrifício sublime em união com a santa Igreja, rezando as orações que ela nos ensina a rezar; se nos uníssemos à imola-

(1) Saudreau. — « L'état mystique ».

(2) « Em memória da preciosa morte dos justos (referre-se particularmente aos Santos Cosme e Damião, em cuja Igreja se fazia outrora estação neste dia), oferecemos-Vos, Senhor, *êste sacrificio que é o principio de todo o martirio*. » (Secreta da 5.^a feira da 3.^a semana da Quaresma).

ção de Jesus, inolando-nos com Ele; se oferecêssemos a Deus Pai, em união com o Filho das Suas complacências, todos os sofrimentos, renúncias e dificuldades de cada dia; numa palavra: *se participássemos efectivamente do santo Sacrifício*, não seriam inúteis os nossos sofrimentos, antes o Senhor os uniria à Sua paixão, e nos faria partilhar nessa glória que Deus Pai conferiu à Sua santa Humanidade por todos os seus sofrimentos.

Seriam além disso tão frutuozos que dariam mais glória aos escolhidos, um novo mérito aos justos, perdão aos pecadores e às almas do purgatório o alívio das suas pênas.

* * *

O' meu irmão, quem quere que sejas, eu quizerá que tu vivesses a Santa Missa; que todo o teu dia fôsse, não obstante as tuas occupaões e os teus deveres de estado, uma contínua preparação para o Santo Sacrifício, e ao mesmo tempo uma incessante acção de graças.

E' que « numa alma em graça tôdas as acções oram ».

Uma contínua preparação! Porque nós somos criaturas miseráveis e o Sacrifício é augustíssimo e a Vítima três vezes Santa!

Uma acção de graças incessante! Porque não devemos esquecer *nunca* os inumeráveis benefícios que recebemos do Senhor e que se resumem e condensam nessa renovação misteriosa do Sacrifí-

cio da Cruz; e, por outra parte, nunca agradeceremos bastantemente essas graças cujo valor só um dia saberemos apreciar como convém.

O' meu irmão, quem quere que sejas, eu quiserá, sim, que tu vivesses a Santa Missa. Foi por isso e só para isso que eu escrevi estas páginas.

II

Pequei muitas vezes...

A Confissão dos nossos pecados glorifica a Deus, mas é preciso que seja feita com verdadeira contrição. Se a fazes rotineiramente, sem bem te aperceberes do que dizes, então não glorifica a Deus.

Eu sei que aquilo que se repete muitas vezes, se faz dia a dia menos perfeitamente, e já por hábito. Sei também que a nossa fraqueza é tal que até isso se passa com as coisas santas. Mas olha: se queres — e deves querer — reagir contra essa depreciação que nasce da frequência com que se recitam estas orações, procura com muito amor profundar-lhes mais e mais o sentido, buscar-lhe as aplicações práticas.

* * *

Quantas vezes o sacerdote se humilha durante a Missa! (1)

(1) D. Columba Marmion — «Le Christ, idéal du moine» — pag. 208 e seguintes — La componction du coeur — Este capítulo é digno de ser meditado muitas vezes.

Pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras. . .

A Igreja obriga-o a reconhecer a sua qualidade de pecador na presença da Igreja triunfante e militante, e em especial perante os fiéis presentes.

Ei-lo que pede a purificação das suas iniquidades, a fim de merecer entrar com os espíritos puros no Santo dos Santos. E espera ser delas perdoado pelos méritos dos Santos cujas relíquias estão no altar em que vai celebrar o Santo Sacrifício.

Depois da leitura do Evangelho pede (1) que «por êste santo Evangelho nos sejam perdoados os nossos pecados».

Ao Ofertório, o sacerdote confessa-se servo indigno do Pai celestial, indigno de lhe oferecer a Hóstia imaculada «*pelos seus inúmeros pecados, ofensas e negligências*, por todos os circunstantes e por todos os fiéis vivos e defuntos. . . »

E é «com o espírito *humilhado e o coração contrito* que êle pede para ser recebido do Senhor . . »

Quási ao concluir o Cânon bate no peito e, ao recordar-se da Igreja padecente, da militante e da triunfante, supplica seja dada aos pecadores uma parte na herança e no convívio dos Santos Apóstolos e Mártires.

Antes de receber o Senhor na Comunhão, pede-lhe no Padre Nosso : «perdoai-nos, Senhor,

(1) Excepto nas Missas de Defuntos.

as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores».

E, ao preparar-se para se unir a Jesus, pede-lhe que não olhe para os seus pecados mas para os méritos e para a fé da sua Igreja.

Dá depois o ósculo da paz aos ministros (1) e roga ao Senhor Jesus que o livre «pelo seu Santo Corpo e pelo seu Sangue, *de tôdas as suas faltas* e de todos os males; e que a recepção do Corpo do Senhor não seja uma causa de julgamento nem uma fonte de condenação».

Aproxima-se o momento da Comunhão. E então o sacerdote, olhando amorosamente a Hóstia sacrossanta que tem nas suas mãos, repete as palavras do Centurião, que pela sua fé e humildade obteve a cura do filho: «Senhor, eu não sou digno que entreis na minha morada, mas dizei uma só palavra e a minha alma será curada. . . »

Repara, meu irmão, que a Igreja manda pronunciar estas palavras a *todos* os sacerdotes, ainda que sejam verdadeiros santos! . . .

E' certo que «a oblação de Jesus é sempre agradável ao Pai do Céu; mas, enquanto vem de nós, só o é com a condição de que as nossas almas estejam cheias de compunção e do espírito de humildade, que é o fruto daquela» (2). De-

(1) Nas Missas solenes.

(2) D. Columba Marmion — «Jesus Cristo, vida da alma», pág. 209.

mais, como diz S. João, «quem se julga sem mancha não está na posse da verdade».

* * *

Sabiamente procede a Santa Igreja obrigando os sacerdotes a fazer tantos actos de compunção durante a Missa. Pois «se nós, quando queremos pedir alguma coisa aos poderosos dêste mundo, não o ousamos fazer senão com humildade e reverência; com quanta mais humildade e pureza de devoção não devemos suplicar ao Senhor Deus de tôdas as coisas?...» (1)

Realmente, quando o sacerdote se compenetra bem da sublime dignidade das suas funções, como não há-de reconhecer-se nada em face do Senhor de tôdas as coisas?

Como não há-de confundi-lo êsse prodígio inaudito, e à sua luz ver melhor as suas misérias, o seu nada, e sentir necessidade de se humilhar, de dizer a todos as suas faltas?...

E que bela oração não é êsse reconhecimento das nossas faltas! Como êle proclama o poder, a santidade de Deus, e atrai sôbre nós as suas graças! pois «um abismo chama outro abismo»

* * *

Olha, meu irmão, não te admires que muitas almas religiosas e consagradas a Deus tenham,

(1) Regra de S. Bento — cap. XX.

por vezes, uma vida espiritual bem instável, e estejam sujeitas a mil flutuações, que contrariam sem cessar as suas ascensões interiores, a ponto de comprometerem o seu progresso no caminho do céu.

E' que, se reparares bem, verás que, a maior parte das vezes, a razão dêste vacilar tremendo é a falta de *compunção*, êsse meio seguríssimo de afastar o pecado, de tornar a vida espiritual firme e estável.

Os grandes Santos nunca deixaram de cultivar e de recomendar esta santa disposição interior.

«Nas suas almas ela era alguma coisa mais do que um ou outro acto isolado, passageiro; as exclamações de compunção que, de quando em quando, proferiam, eram a tradução exterior dum sentimento interior, permanente e ávido de manifestar-se» (1).

Na verdade, a magnanimidade de Deus para com essas grandes almas, faz com que elas conheçam melhor a grandeza da sua ingratitude para com Deus. Ao esplendor da luz divina são sombras enormes as mais pequenas faltas...

Sendo assim, meu irmão, nós devemos viver sempre na compunção, até ao último momento da nossa vida, e não deixar passar um só dia sem procurarmos apagar com lágrimas as nossas faltas.

¿Não é certo que esquecemos tão depressa as

(1) D. C. Marmion — o. c. (A — VIII da II parte).

nossas misérias, com uma leviandade por vezes tão desconcertante ?

Não te digo, isso não, que andes sempre a pensar nelas, de forma que sejam para ti uma obsessão que não fará mais do que tolher-te tôdas as energias sãs.

Chora-as todos os dias na oração, mas duma forma global, sem procurares recordar circunstâncias, que só te podem diminuir a verdadeira compunção. Depois, eleva logo os olhos ao Senhor de misericórdia . . .

¡Que bom não seria que chorasses as tuas faltas precisamente na ocasião em que se diz a Confissão aos pés do altar, verdadeiramente convencido de que também tu contribuiste para a Paixão do Senhor ; e que te humilhasses como o sacerdote e com o sacerdote, tôdas as vezes que êle se humilha durante a Missa !

* * *

Há almas que se martirizam com um doentio excogitar os mais pequenos pormenores dos peccados cometidos, como que ansiosas por encontrarem matéria para se martirizarem de novo ; e no fim . . . caem no desalento, *que não vem de Deus*, em vez de reagirem e tomarem novo rumo.

Não procedas tu assim, meu irmão.

Nunca desesperes da misericórdia do Senhor. Lembra-te que as satisfações e os méritos de Cris-

to teem um valor infinito, e que « Ele vive sempre a interceder por nós ».

A verdadeira compunção traz uma grande paz à nossa alma.

Se és propenso a êsse defeito e ao desalento — que em certas almas é quasi um estado — ; e se nem a consideração da infinita misericórdia do Senhor dá um pouco de paz à tua alma atribulada, então « recorda *com muita humildade* as boas obras da tua vida passada » . . .

* * *

¿ Não vês tu, meu irmão, tantas almas com uma vida espiritual aparentemente boa cairem em faltas graves ?

E' que estas pobres almas resistem inúmeras vezes às inspirações, à acção do Espírito Santo : faltam frequente e deliberadamente à humildade, à caridade, à obediência . . . estão cheias de si mesmas, tôdas apegadas ao seu modo de ver, e fecham-se, por assim dizer.

O Espírito Santo então *contrista-se* e não bate mais àquela porta, acaba por se calar . . .

Um dia lá sopra mais forte o vento da tentação.

Uma alma fiel, aberta às inspirações do Espírito Santo, resistiria perfeitamente com a ajuda do Senhor. Mas estas pobrezitas caem por terra vencidas, vítimas da sua falta de generosidade para

com Deus, do seu amor-próprio, fonte das suas infidelidades e das suas faltas deliberadas.

Se essas almas estivessem cheiinhas do espírito de compunção, num estado de contrição habitual, não cairiam certamente assim, porque essa disposição é essencialmente adversa ao pecado deliberado.

Este sentimento torná-las-ia fortes contra a tentação (que Deus permite, só para nosso maior bem); alimentaria nas suas almas a aversão do pecado; pô-las-ia de sobreaviso contra as embuscadas do inimigo.

* * *

Olha, meu irmão : a compunção imprime a tôda a nossa vida uma certa gravidade religiosa, e conseqüentemente afasta de nós a ligeireza de espírito.

E é assim que, se os olhos da nossa alma se fixarem primeiro que tudo em Deus, quer dizer, se a alma se basear habitualmente no temor de Deus — « princípio de sabedoria » — viveremos uma vida interior cheia de santa gravidade, que nos disporá excelentemente para as grandes ascensões espirituais. E' que « quanto mais o homem se deixa penetrar da ideia divina, tanto mais progride na compreensão da sua dependência e do seu nada; e, assim, a sua obediência será cada vez

mais pronta e mais profunda e o seu abandôno mais completo e filial » (1).

* * *

— Espírito de compunção e alegria. . .

Para certos espíritos são coisas inconciliáveis : teem a compunção como uma coisa pesada, lúgubre, sombria. . . E, como só baseada na compunção é que a vida espiritual pode ser estável e segura, teem a religião como uma coisa muito triste, e não estão resolvidos a tomar o seu jugo suave, ou melhor, não se atrevem a deixar o pesado e escravizante jugo das paixões; não querem acabar *com as suas alegrias*. Sim, com *as suas* alegrias, tôdas feitas de dissipação, superficiais, exteriores, insatisfeitas. E' que não conhecem a alegria cristã « calma e profunda, sincera e verdadeira, igual e perseverante; aquela alegria a propósito da qual Nosso Senhor dizia aos Apóstolos: «Ninguém vo-la tirará » ; a alegria do espírito e do coração; a alegria da alma; pura na sua fonte, benéfica nos seus efeitos; alegria que vem de Deus e conduz a Ele, e *que é o sentimento da presença de Deus em nós* » (2).

Essas almas não sabem o que é o esqueci-

(1) D. Ryelandt — « Essai sur la physionomie morale de S. Benoit » — Cap. III.

(2) Mgr. de Gibergues — « Entretiens sur l'Eucharistie ».

mento de si mesmas, não sentem a alma livre do pêso opressor da lembrança do seu *eu*, das suas necessidades. Não pensam nos outros. Talvez até se escandalizassem se lhes disséssemos que êsse partilhar caridoso das dificuldades dos outros aliviaria as suas próprias, porque lhes dilataria o coração...

Não, elas não sabem o que é a alegria do sacrifício... porque não sabem amar. O amor transforma os sacrifícios em alegrias: nas cruzes veremos a Jesus, e ama-las-emos como O amamos a Ele. ¿Porque não havemos nós de pedir o amor das cruzes?

* * *

Se a compunção do coração é um bem tão precioso, tão cultivado e recomendado pelos grandes Santos; se traz religiosa gravidade e estabilidade à nossa vida interior; paz à nossa alma, e confiança e caridade, e até a alegria santa das almas justas ao nosso coração; ¿porque não havemos nós de pedí-la ao Senhor, como uma graça das melhores? ¿Porque não havemos de excitá-la, meditando na Paixão do Senhor, na Via Sacra?

¿Porque não havemos de nos unir, na Santa Missa, ao Celebrante em cuja bôca a Santa Igreja põe tantas expressões de compunção? Façamo-lo desde hoje, meu irmão. Começemos agora mesmo.

Senhor, tende piedade de nós!

Senhor, tende piedade de nós! E' o grito dos dez leprosos da Palestina à passagem do Salvador.

Todos nós, pobres pecadores, somos chagados, gafados da lepra, estropiados, ceguinhos... Mostremos ao Senhor as nossas chagas; ponhamos bem a nú as nossas feridas, na Sua divina presença, como os pobrezitos à beira dos caminhos, em dias de romaria...

Senhor, tende piedade de nós!

¿E quem, se não Ele, nos pode valer?

* * *

Mais. Mostremos ao Pai do Céu as Cinco Chagas do Seu Filho, como uma bandeira de paz — da paz que desejam as nossas almas — ; como um pendão de glória...

Que tesouro elas são as Cinco Chagas!

Fôram abertas por nosso amor, por amor de ti, meu irmão, quem quer que sejas.

Sempre que recordes compungido que contribuiste para a morte do Senhor, lembra-te também que elas valem mais que todos os tesouros do mundo, e ergue o coração em acção de graças. Repara: fôram abertas (como faz notar algures S.

Agostinho) para nós entrarmos e aí repousarmos dos trabalhos do nosso prolongado exílio...

São um oasis neste deserto e uma luz nas trevas dêste mundo.

* * *

A vida íntima de Deus !... Deus goza da plenitude da vida. ¿ Que bem lhe pode trazer a criação do homem ? Mas eis que decreta chamar as criaturas a participar da vida divina. « Por um transporte de amor, cuja fonte é a plenitude do Ser e do Bem que é Deus, esta vida vai trasbordar do seio da Divindade para atingir e beatificar, elevando-os acima da sua natureza, seres tirados do nada ; a estas simples criaturas Deus dará a qualidade e o doce nome de filhos » (1). São os filhos do seu amor.

Esse decreto realiza-se em Adão. Adão peca e arrasta na sua desgraça tôda a sua descendência. E então êsse decreto assim desobedecido « é restaurado por uma invenção maravilhosa de justiça, de misericórdia e de bondade ».

Deus amou tanto os homens que lhes deu o seu próprio Filho unigénito...

O Verbo fêz-se carne para ser caminho... E os seus não O conheceram ! E nós não o conhecemos !

(1) D. Columba Marmion O. S. B. — *Jesus-Cristo Vida da Alma*. Trad. portuguesa — Edição da Revista « Opus Dei » — Braga.

Jesus fêz-se hóstia por amor de nós. Hóstia tão grande que uniu a terra ao Céu... hóstia tão pequenina que cabe numa mão fechada... E nós deixá-mo-lo só na sua imolação! E não queremos ser hóstias com Ele!

Senhor, tende piedade de nós!

* * *

Admiramo-nos de que os dois discípulos que, no dia da Ressurreição, iam a caminho de Emaüs, não tenham reconhecido ao Senhor que, a seu lado, caminhava e lhes falava... — E quantas vezes desconhecemos (ou até negamos) ao Senhor em certas contrariedades que de mil modos nos veem; nos nossos irmãos doentes; nos pobrezinhos; em todos os desgraçados dêste mundo?...

Senhor, tende piedade de nós!

* * *

O Senhor uniu-se talvez misticamente às nossas almas, numa união comparável, mas muito superior à dos esposos.

Chamou-nos para si, atraiu-nos para o Seu Coração, para que não fôssemos senão um com Ele... E nós andamos por outros caminhos, a procurar outras uniões, a prender o nosso coração a mil coisas efémeras!...

Cristo, tende piedade de nós!

* * *

Que admira que o Sacerdote se sinta confundido ao entrar no Santo dos Santos ! E' que êle foi elevado à « mais alta dignidade da terra » e vive talvez bem perto das sombras da morte (quem sabe se mesmo nelas !).

E ao ver as suas sombras, ao ver que é todo sombra, não pode deixar de soltar muitas vezes esse grito dos leprosos :

Cristo, tende piedade de nós !

E tu, meu irmão, que vais acompanhando o Sacerdote, lendo devotamente a Missa pelo teu Missal ; tu que vais unir-te a Jesus na Comunhão, e que és todo sombra também, ¿ não sentes o mesmo anseio de gritar :

Cristo, tende piedade de nós ? ! . . .

* * *

Sabes bem que todos nós somos membros do Corpo Místico da Igreja, cuja cabeça é Jesus Cristo. Todos os homens são irmãos em Cristo. Ferir um dos nossos irmãos é ferir o próprio Jesus.

Se pensássemos bem nisso ; se vivêssemos este princípio admirável ; quantas faltas de caridade poderíamos evitar ! Tomemos desde já a resolução de procurarmos *ser tudo para todos*, no santo desejo de os salvarmos a todos.

Quanto bem lhes podemos fazer, ao menos àqueles com quem convivemos !

E o que podemos e devemos é rezar por todos, sem excepção. Ah ! se nós tivéssemos fé no

valor da oração, uma fé viva, imensa, uma fé cega para tôdas as inconstâncias e vaidades dêste mundo e para tôdas as sugestões da *prudência da carne*, e pronta para combater todos os assomos de desconfiança nas promessas do Senhor...

Mas não. Somos *homens de pouca fé*. Saibamos ao menos reconhecê-lo e pedir ao Senhor que no-la aumente!...

Digamos pois do fundo da alma :
Senhor, tende piedade de nós !

* * *

Sempre prontos para pedir graças, estejamo-lo sempre para agradecer ao Senhor. Repara, meu irmão, que, dos dez leprosos milagrosamente curados, só um apareceu a agradecer ao Senhor! Os outros nove somos nós, os ingratos!... Como se a nossa vida não devesse e não pudesse ser uma acção de graças incessante : — almas em graça, vida pura, luz sempre acesa no templo da nossa alma, templo imperfeito sim, mas onde habita a Santíssima Trindade.

Ah! se nós pensássemos nisto! Que dons preciosos os que o Senhor nos deu e nos permitiu trouxéssemos dentro de nós, pois que somos *templos de Deus!*

Mas também que frágeis são os vasos em que trazemos êsses dons! Reconheçamos pois, a nossa dignidade desigualável... mas também a nossa fraqueza sem par. Que o reconhecimento de tantos

dons e o temor de tudo perdermos nos leve a dizer ao Senhor, muitas e muitas vezes ;

— Senhor, tende piedade de nós !

* * *

A humilde confissão da nossa insuficiência, das nossas faltas, glorifica imensamente a Deus, exalta a sua Omnipotência, a sua Santidade. Reconhecer a própria baixeza é subir. Os joelhos que se curvam para a terra fazem baixar Deus do Céu...

Digamos pois com o Sacerdote :

Senhor, tende piedade de nós !

IV

Glória a Deus nas alturas..

Este hino chamado, *angélico*, por causa das primeiras palavras, «é uma pérola litúrgica» talvez do 2.º século do cristianismo (1). Primitivamente pertencia à liturgia matutinal ou da aurora. Mais tarde, provavelmente depois do 2.º século (2), foi pôsto no lugar que hoje ocupa na liturgia romana, isto é, entre o *Kyrie* e as orações colectas da Missa. Nos começos do século VI o Papa Símaco mandou que se executasse êste hino nos Domingos e nas festas dos Mártires. Mas esta concessão só dizia respeito aos Bispos; os simples sacerdotes só podiam entoá-lo no dia de Páscoa. Porém nos dias em que havia estação, ou em que a Missa era precedida da procissão, omitia-se o hino *Glória* até na própria Missa papal.

Os sacerdotes fôram pouco a pouco introduzin-

(1) Dom Cabrol O. S. B. — «Le livre de la prière antique» — pág. 153. Este illustre beneditino segue a opinião contrária à daqueles que attribuiam a S. Hilário (século IV) a autoria do hino *Glória in excelsis*. E' que se o santo Bispo fôsse o seu autor certamente teria feito nele alusão ao arianismo; teria feito uma profissão de fé mais pormenorizada na consubstancialidade do Verbo».

(2) Idem o. c. pág. 145.

do o costume de dizerem o hino *Gloria*, até então só recitado ou cantado pelos Bispos, como vimos, nos Domingos e festas dos Mártires, dias em que os mesmos Bispos diziam o *Ite, Missa est*, que era um sinal de jurisdição. Este costume generalizou-se, como aliás se generalizou também o de os sacerdotes dizerem o *Ite, Missa est*.

* * *

As primeiras palavras dêste hino são as da saudação do Anjo aos pastores na noite de Natal (Luc. II-14): *Gloria in excelsis Deo*.

Tudo no presépio falava aos pastores do céu, mas dum céu aberto, diferente daquele que eles viam, lá para além, fechar o horizonte...

Sim. Tudo lhes falava: a mangedoura, o frio, a quási inteira desnudez do Menino... o seu próprio aparecimento sob formas tão pequeninas...

E certamente quanto mais o contemplavam, tanto mais lhes vinham à lembrança as suas ovelhinhas, assim também meigas e mansas...

E pensavam talvez quão doce seria estreitar nos braços aquele Menino, como quem já vê realizado o sonho lindo de ter no seu rebanho cordeirinho tão belo e tão bom, que dava vontade de se deixar pastorear por Ele...

Estes homens simples transbordavam de entusiasmo. Sentiram necessidade de cantar mistério tão sublime.

E então, alumiados pela Luz do mundo, certa-

mente reconheceram que o deviam também glorificar nos seus corações, que não só nas suas frautas. . . .

Assim devemos ser nós, meu irmão: — uma viva glorificação de Deus.

¿ De que servem todos os nossos actos de piedade, se não reformamos a nossa vida, se não cumprimos os nossos deveres de estado? .

¿ Quantos não vão cantar as glórias do Senhor vestidos de impudor?

¿ Quantos não vão prègá-las vestidos. . . . de vaidade?

¿ Quantos não vão dizê-las com o coração cheio de rancor para com o próximo?

Não sejas tu assim, meu irmão, meu cordeirinho branco, que eu ando a tanger para o céu.

* * *

Este hino é uma paráfrase da *Gloria Patri* (1) e, ao mesmo tempo, é uma continuação das humildes súplicas do *Kyrie*. As almas reconhecem, duma parte, a sua fraqueza e o seu nada: e, doutra parte, enchem-se de admiração e de gôzo à vista da Majestade de Deus, da sua Omnipotência.

E então comprazem-se em glorificar a Deus, em «bemdizer as suas perfeições infinitas, que nos

(1) E por isso se chama a doxologia maior em opposição da *Gloria Patri* que é a menor. Doxologia quer dizer: Glorificação.

são manifestadas pela obra das suas mãos, sobretudo pela obra da Redenção. O amor quer repetir à compita, não se cansa de proclamar a sua admiração, de a cantar com cânticos transbordantes de alegria.

Neste glorificar a Deus está a nossa felicidade e a nossa paz », (1)

E' que Ele é o Espôso das nossas almas, o nosso Pai, o nosso Irmão, o nosso Tudo.

Mais. Damos graças a Deus pela sua grande glória, pois essa glória é dalgum modo *nossa*, porque Cristo no-la conquistou pelos seus méritos infinitos; e porque nos está prometida, e será por nós alcançada, se trilharmos o verdadeiro caminho, se permanecermos na verdade, se vivermos « *a vida viva* ».

* * *

« Esta glorificação de Deus traduz-se praticamente pela boa vontade », (2)

O cumprimento da lei divina, o cumprimento fiel e amoroso dos nossos deveres de estado, é assim uma verdadeira glorificação de Deus. Os nossos actos estarão de acôrdo com os nossos princípios; a nossa vida em conformidade com o altíssimo fim para que fomos criados. E as nossas

(1) D. Idesbald van Houtryve O. S. B. — *A Vida na Paz* — trad. port. pag. 198.

(2) Idem, *ibidem*, pag. 198.

consciências estarão em paz. *Et in terra pax hominibus bonae voluntatis.*

A alma dirige-se em primeiro lugar a Deus Padre Todo Poderoso — *Deus Pater Omnipotens.*

Depois adora, louva e glorifica o Senhor Jesus. Bem diz e dá graças ao Filho de Deus vivo, que pela vontade do Pai, e com a cooperação do Espírito Santo, quis ser concebido no seio puríssimo da Virgem Maria e, com um incompreensível amor, quis ser, e é o nosso Deus — *Domine. Deus.*

Louva e bem diz o Filho de Deus — *Filius Patris* — por se ter feito cordeiro — *Agnus Dei* — Ele, o Bom Pastor! — para salvar a humanidade, por meio da sua morte, e morte de cruz.

E este Cordeiro sem mancha não hesitou fazer-se homem de dôres e tomar sobre si os nossos pecados, para tirar os pecados do mundo, para reconciliar o homem com Deus.

Compadeceu-se das nossas enfermidades; amou-nos até à loucura, pois que morreu por nós numa cruz: ia a dizer: — quasi esqueceu que tem assento, no céu, à direita do Pai: — *qui sedes ad dexteram Patris.*

¿ Que maior prova de amor nos podia dar?

« Ninguém possui maior caridade do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos », canta a Igreja na sua bela Liturgia.

Pois se Ele é assim nosso amigo, ¿ porque não

havemos de lhe pedir humildemente que se compadeça de nós — *miserere nobis*?

E compadecer-se-á, estejamos certos disso, e ouvirá as nossas súplicas, porquanto Ele próprio disse; *pedi e receberéis*.

¿ Mas como havemos de lhe pedir de modo que nos ouça? — *suscipe deprecationem nostram*. Devemos pedir-lhe humilde, confiada, perseverantemente. Mais; devemos rogar-lhe que nos inspire o que mais nos convém pedir-lhe para que Ele ouça as nossas orações. (Oração do IX Domingo depois do Pentecostes). E se Ele entender que não deve despachar a nossa súplica, façamos um acto de resignação, se não de perfeita complacência, com a sua divina Vontade. E digamos de todo o coração: Faça-se a Vossa vontade, Senhor, e não a minha. . .

* * *

« Só Deus é Santo por essência, ou antes Ele é a própria Santidade ». (1) A santidade das criaturas existe apenas por uma participação da santidade de Deus.

Santidade divina quer dizer o amor perfectíssimo e a fidelidade imutável com que Deus se ama infinitamente.

(1) D. Columba Marmion O. S. B. — *Jesus Cristo, Vida da alma*, trad. port. pág. 9. Leiam-se as págs. seguintes e 21 e 114 desta bela obra do grande Mestre da vida espiritual. Delas fôram extraídas as linhas que seguem.

Tu solus Sanctus... Jesu Christe...

« Só vós sois santo, ó Jesus Cristo ». Só vós sois santo, porque só vós sois pela Incarnação, verdadeiro filho de Deus ; porque possuís a graça santificante plenamente, para no-la distribuir ; porque a vossa alma era duma docilidade infinita ao impulso do Espírito de amor, que inspirava e regulava todos os vossos movimentos, todos os vossos actos e os tornava agradáveis a vosso Pai.

Só vós sois santo, porque possuís a plenitude da vida divina ; só vós sois santo, porque é unicamente de vós que esperamos a nossa santidade...

Tôdas as graças de salvação e de perdão ; tôdas as riquezas, tôdas as fecundidades sobrenaturais que abundam no mundo das almas, nos veem só de vós.

Portanto, que todo o louvor vos seja dado, ó Jesus Cristo ! E por vós, que todo o louvor suba a vosso Pai pelo « dom inenarrável » que Ele nos faz de vós !

« Só vós sois Santo, só vós Altissimo, ó Jesus Cristo, com o Espírito Santo na glória de Deus Pai ; Amen. — *Tu solus sanctus, tu solus Dominus, tu solus altissimus, Jesu Christe, cum Sancto Spritu in gloria Dei Patris. Amen.*

Boa nova (Evangelho)

O livro dos Evangelhos foi outrora objecto de verdadeiro culto religioso. S. Jerónimo escrevia de Belém, no ano de 406, o seguinte: « Em tôdas as igrejas do Oriente ao ler-se o Evangelho acendem-se círios; não para dissipar as trevas, pois o sol já rutila no firmamento, mas, em sinal de alegria » (1).

Etéria, a célebre peregrina galega do século IV, observa na sua obra — « *Peregrinação aos lugares sagrados* » — que se queimava incenso durante a leitura do Evangelho.

Por sua vez S. Germano (2) descreve-nos os ritos que acompanhavam a leitura do Evangelho na Missa galicana :

« Ao chegar ao santo Evangelho saía a procissão, como se fôra o poder de Cristo a triunfar da morte, acompanhado de belás harmonias e de sete candelabros, acesos, que representavam os sete dons do Espírito Santo...

...E então o Diácono subia ao púlpito (ou

(1) Citado no « Dictionnaire d'Archéologie chrétienne et Liturgie » V, I col. 777.

(2) Idem — ibid.

tribuna), que representava o trono de Cristo no Céu, para aí cantar os dons da vida, depois do que os clérigos exclamavam: *Gloria tibi Domine!* — Glória a Ti, Senhor!.

No século XVI formava-se mais ou menos o mesmo cortejo. E' interessante notar, porém, que, depois de o Diácono ler o Evangelho voltado para o norte (*Ordo II*), era o Evangeliário entregue a um Subdiácono do séquito, que o dava a beijar a todos os que se encontravam entre o púlpito e a ábside (1), depois do que êle o encerrava num escrínio precioso.

O livro dos Evangelhos era outrora igualmente cercado do maior preposito, envolto em preciosas capas e metido em escrínios adornados a ouro puro e pedras preciosas. ¿ E quem desconhece as belas miniaturas à margem dos manuscritos do Evangelho feitas pelos discípulos da escola abacial da célebre abadia de *Saint-Gall* e doutras?

Era sôbre os santos Evangelhos que antigamente se prestava juramento. Os fiéis gostavam de trazer consigo cópias dêles.

* * *

Em nossos dias, nas Missas cantadas com Ministros, encontramos ainda um vestígio dessa procissão tão simbólica que outrora se fazia até ao

(1) P.^e António Coelho. Curso de Liturgia Romana — vol. II Liturgia Sacrificial — pag. 74.

lugar onde era lido ou cantado o santo Evangelho.

Vejamos: O Diácono pega no Missal, vai de pô-lo no altar e pede, de joelhos, ao Senhor, numa linda oração (1), que purifique o seu coração e os seus lábios para que possa anunciar dignamente o seu santo Evangelho. Pede depois a bênção ao Celebrante, que lha dá nestes termos: « Que o Senhor seja no teu coração e nos teus lábios, para que anuncies digna e convenientemente o seu santo Evangelho ».

Começa então a procissão: à frente vai o turiferário com o turíbulo, e a seu lado o Mestre de cerimónias, de mãos postas; depois os ceroferários com os respectivos círios acesos (2) « símbolos da fé, que nos leva a olhar a palavra de Jesus como a luz que devemos seguir ». Depois o Subdiácono de mãos postas (3) e a seu lado o Diácono com o Missal. Dirigem-se todos para o lugar onde se há de cantar o Evangelho. Todos se levantam (4).

(1) O' Deus omnipotente que purificastes com um carvão ardente os lábios do profeta Isaías, purificai por vossa pura misericórdia o meu coração e os meus lábios, de sorte que eu possa anunciar dignamente o vosso santo evangelho. Por Jesus Cristo, etc.

(2) Nas Missas cantadas de «Requiem» faz-se a procissão mas sem círios.

(3) No rito bracarense leva-as debaixo da dalmática.

(4) S. Bento diz na Regra: «O abade lerá a passagem do evangelho (trata-se de Matinas) e todos a ouvirão de pé, com respeito e tremor » (cap. XI).

E então o Diácono, ao chegarem lá, anuncia, cantando, o Evangelho, (cuja leitura é um sacramental), faz sôbre êle o sinal da Cruz (no princípio do texto) e depois sôbre êle próprio, na frente, na boca e no peito; incensa o Missal e prossegue cantando. No regresso o Subdiácono dá o Missal a beijar ao Celebrante que diz: « Que por êste santo Evangelho nos sejam perdoados os nossos pecados ». De facto a audição do Evangelho pode operar esta graça; « tem a virtude de despertar na alma as disposições próprias para receber o perdão dos pecados » (1).

* * *

Tudo isto nos recorda, meu irmão, a veneração e o culto que devemos às palavras do Evangelho — que são as próprias palavras de Deus — e ao Missal que as contém, o único livro litúrgico que se beija e incensa, e sôbre o qual se faz o sinal da Cruz. O Evangelho deverá ser lido e meditado muitas e muitas vezes. Devíamos até decorar, senão tudo, integralmente, ao menos as passagens mais notáveis. Os Sacerdotes deviam conhecê-lo como as palmas das suas mãos e não lhes faltaria nunca que dizer na homilia e sempre.

S. Gregório Magno, na sua « *Regula pastoralis* », declara que é um dever incontestável do pas-

(1) Vandeur — *La Sainte Messe*. — Notes sur sa liturgie, pag. 123.

tor de almas o ler e estudar a palavra de Deus, com a maior assiduidade e cuidado.

No seu tempo, a Sagrada Escritura era para o clero, não só um manual de dogmática e de moral, mas também um livro de meditação (1).

¿ Acaso não nos acusa a consciência de sermos menos zelosos neste ponto — muito menos em geral! — do que tantos e tantos pobres transviados? . . .

* * *

« Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a guardam » . . .

Ao ouvirmos a palavra do Evangelho, o nosso coração deve-se conservar pronto, aberto e dócil. Digamos ao Senhor com Samuel. Falai, Senhor, que o vosso servo é todo ouvidos . . .

¿ Prontos para tudo?! . . . O Evangelho ouve-se de pé, na atitude de quem afirma que está pronto para o combate incessante desta vida, de quem está pronto para tudo, por causa daquelas palavras santas . . .

¿ Prontos para morrer? — Se preciso fôr,

¿ Prontos para morreremos para nós próprios, para as nossas inclinações desordenadas, para a nossa própria vontade? Sim. E isso é preciso todos os dias, a todos os instantes . . .

(1) *Lex levitarum* — La formation sacerdotale d'après S. Grégoire le Grand, cap. X — por Mgr. J. C. Hedley O. S. B., Bispo de Newport. — Trad. francesa.

E' preciso que assim seja, meu irmão, e sem hesitação nem tardança.

E' preciso que assim seja, sem tibieza nem murmuração (o grande mal que S. Bento tanto combate!).

E' preciso que assim seja... que faças tudo, que dês tudo, que te dês a ti mesmo, com o coração generosamente dilatado, viril e *alegremente*: é que nem aos pobres sabe tão bem o pão dado de má vontade... Lá diz o Apóstolo que «O Senhor ama os que dão com alegria»!...

Preguntarás: ¿Tudo, Senhor? Isto sim, sacrifico-o, mas, aquilo, ai, aquilo que me custa tanto...

¿Pois o Senhor, que é tão bom, pode acaso pedir-me o sacrifício dêste desejo tão legítimo, dêste affecto tão santo?

¿Não poderia exigir de mim outros sacrifícios, talvez melhores do que êste?

Ah! meu irmão; põe os olhos no Crucifixo e ouve o que te digo:

— Tudo, tudo... Os desejos mais legítimos, as aspirações mais santas, as occupaões mais informadas do espírito sobrenatural. E olha: *isso* que Ele te pede, *como* e *onde* Ele o pede, é o melhor. Dá-lhe isso... e sem tardança.

Um coração generoso não se põe como que a pesar ou a medir os prós e os contras do que Deus lhe pede. Está pronto, sempre pronto. Ele às vezes fere, despedaça, faz sangrar... Custa muito, eu

sei que custa. Não importa : a alma é fiel e sabe que a Vontade de Deus é sempre o melhor para nós.

¿Está em turbação a pobrezita ? Não admira. Não faltarão vozes interiores e exteriores a sugerir-lhe, a insinuar-lhe astuciosamente: olha que o teu Deus abandonou-te. Ela bem ouve o que se diz, e, agora ou logo, estremece... mas tudo aquilo passa. Vai a onda, a onda vem... e tôdas, uma após outra, se desfazem em espuma... e a rocha lá está firme.

Assim dentro desta alma fiel... reina a paz.

Está em turbação, é certo, mas *não* na sua extremidade mais fina e delicada, pois aí está unida, firme e inabalavelmente, à vontade do Senhor. Só quer o que Ele quer, onde e como Ele o quer; e, quantas vezes, só porque Ele o quer. Neste caso não sente nenhuma consolação sensível; mas consola-a — e muito — o saber que o Senhor quer que ela esteja onde está. E ali se fica, de olhos fechados... ¿Que lhe importa o resto? se o seu *Tudo* está contente assim?!...

— E tu, meu irmão, ¿como é que fazes ?

* * *

A Boa nova ! Mas que nova é esta, anunciada e recebida com tanto júbilo, como a realização duma promessa, por todos os títulos, admirável e extraordinária?

E' um mandamento novo: é o amor.

¿ Será o amor dos amigos, dos conterrâneos; a indulgência para com os estrangeiros e talvez, em raras circunstâncias, para com os inimigos?

¿ Será o amor dos outros por amor de nós, para nosso próprio bem ?

Ah! não. E' o amor dos nossos irmãos e amigos: é o amor dos nossos inimigos por amor de Deus. E' o amor dos sofrimentos, das perseguições, por causa da justiça, por amor de Deus. E' o esquecimento de nós próprios pelo bem dos outros, com os olhos e o coração em Deus. E' morrerem para nós mesmos para *vivermos* em Deus, para que Deus *viva* em nós.

E' o Verbo que se faz carne e habita entre nós; que se faz carne para ser Caminho. E' Jesus, o Homem-Deus, a procurar, por entre espinhos, a ovelhinha perdida, e a levá-la aos ombros para o redil.

E' Jesus a morrer por nós numa cruz; a dar-se por todos aqueles que O crucificaram e crucificam ainda.

E' Jesus a dar-se — ó comércio admirável! — na Eucaristia.

E' S. Paulo a querer ser opróbrio e excomunição por amor de seus filhos espirituais e anátema pelos seus perseguidores (Rom. IX, 3).

E' S. Estêvão a pedir perdão, de joelhos, para aqueles que o matam barbaramente à pedrada.

E' S. Pedro de Verona a entregar-se como resgate pelos escravos.

E' S. João de Deus a atirar-se às chamas para salvar os doentes do hospital que fundara.

E' Santa Teresa de Jesus a querer morrer ou padecer.

E' Santa Madalena de Pazzi a desejar sofrer, sofrer, e não morrer.

E' Santa Gertrudes, a Magna, de quem o Senhor disse : — Encontrar-me-eis, no Sacrário e no coração de Gertrudes.

E' o religioso que se oferece em holocausto, hóstia viva que «com elevar-se, eleva o mundo inteiro».

São os pobrezinhos, os doentes, os que sofrem o que faltou à Paixão do Senhor, e dêste modo a prolongam.

E' a Comunhão dos Santos.

E' o abismar das almas em Deus para que, no Seu seio, vivam da Sua própria vida, que é a «*vida viva*»! . . .

* * *

Também tu, meu irmão, quem quer que sejas, tens a obrigação de prègar a Boa-nova.

E' certo que nem todos são chamados a prègar nos púlpitos.

O Senhor quis, como diz S. Paulo, que uns fôsem apóstolos, outros evangelistas, outros doutores . . . Mas se nem todos são chamados a prègar nos púlpitos, ninguém, seja qual fôr a sua condição ou estado, é dispensado da prègação do exemplo.

E é a prègação por excelência : *arrasta.*

* * *

O Evangelho deve ser a luz dos nossos passos pelos caminhos da vida : *Lucerna pedibus meis verbum tuum.* (Ps. 118).

Devemos caminhar sòmente por esta estrada de luz. Tudo o mais são trevas e sombras da morte.

Há de haver pedras no caminho e precipícios tremendos, dum e doutro lado. Mas um soldado de Deus não teme, nem olha para trás : caminha garbosamente a direito com os olhos no Céu, com os olhos presos no seu Senhor, a espiar-lhe os menores movimentos, a adivinhar-lhe os mais pequenos desejos.

E' a alma fiel — que os anjos levam pela mão para que não fira os pés de encontro às pedras do caminho.

Faze por ser assim, meu irmão, meu cordeirinho branco, que eu ando a tanger para o céu.

VI

Hostia pro hostia (Ofertório)

Ó meu irmão, já reparaste naquela hóstia que está sobre a patena e que o sacerdote eleva ao alto ~~em~~ ar de quem oferece ?

Essa hóstia, branquinha como a neve, será em breve misteriosamente transformada no Corpo e no Sangue do Senhor.

Foi Ele que assim o quis.

¿ E se tu quiseses ser hóstia ?! (1) Estiveste sentado nas sombras da morte, quando deveras an-

(1) « O Ofertório, em que, hoje, só o Celebrante com os Ministros tomam parte, é um dos ritos mais importantes para inculcar nos fiéis uma noção teológica da Eucaristia.

• A Eucaristia, com efeito, não é apenas a Comunhão, nem a santa Reserva, exposta à veneração dos fiéis ; o Sacrifício compõe-se de dois elementos : um específico — a imolação : outro genérico — a oblação.

... • Os fiéis devem, pois, por intermédio da Hierarquia sacerdotal, oferecer a Jesus Cristo e oferecer-se a si mesmos na Missa. Esta oblação espiritual de si mesmos é manifestada visivelmente pela oblação de dons materiais que contribuem para a celebração do Sacrifício, sustentação do culto e seus ministros. Por esta oblação os fiéis tomam parte activa e, para assim dizer, material no Ofertório da Missa ». (P.^e António Coelho — *Curso de Liturgia Romana* — 2.^o vol. n.^o 135 — Noção teológica do ofertório, pag. 162).

dar pelo caminho da luz? Faze-te agora hóstia de expiação pelos teus pecados. Ama os teus irmãos, como a ti mesmo por amor de Deus. Oferece-te também por eles. Não penses só em ti. Pensa muito nas suas necessidades. Deves fazê-lo: és membro do Corpo Místico de Cristo. E há tantos membros doentes que precisam, já não digo dos teus sacrifícios, mas ao menos das tuas orações! (1)

Não lhas recuses.

¿ Pensas que não valem nada? Se não valessem por si mesmas, enquanto veem de ti, valiam pelo valor infinito dos méritos de Cristo, que é a cabeça do Corpo Místico a que tu pertences. Não esqueças nunca os *interesses de Jesus*: esta pequena expressão compreende tudo.

* * *

¿ Estás pronto a abrir mais ainda o teu coração? Anda, faze-te hóstia de louvor e de adoração.

Sim, meu jovem irmão, quem quer que sejas: — ¿ já examinaste bem as tuas inclinações, os teus dotes, as tuas fôrças? . . . ¿ Já procuraste, por todos

(1) Pensamos muitas vezes com certo monge: « . . . Eu posso fazer tanto pelos interesses das almas resgatadas pelo sangue do Filho dilecto de Deus; *sem a minha oração, que é a do vosso Filho, ó meu Deus, haveria talvez muitas almas que neste momento se perderiam para sempre* ». (D. Marmion O. S. B. — *Le Christ, idéal du moine* pag. 447).

os meios ao teu alcance, saber o que o Senhor quer de ti? ¿ Quem sabe se deverás desprender-te, não só *afectivamente* — o que é dever de todos — mas também *efectivamente* das coisas dêste mundo? ¿ Já pensaste bem nisso? Olha que é o maior dever da tua vida! Já consultaste um sacerdote piedoso, prudente e prático na matéria? ¿ Já consultaste sobretudo a Jesus? Anda, vai ter com Ele. Abre-lhe o teu coração, muito simplesmente. Pe-de-lhe que te esclareça, insiste, sê importuno...

Ele não deixará de te fazer ver o que quer de ti. E se a Sua vontade é claramente expressa nesse sentido é por aí que deves seguir. Caminha! Não te faltarão espinhos... mas também não te faltará nunca, ouve bem, o Seu auxílio, a Sua Graça e por vezes até uns bcoadinhos que já são do Céu...

* * *

Ser hóstia!

Estás disposto a pôr-te também sôbre a patena generosamente?

Mas olha: depois não voltes atrás, sejam quais fôram os contratempos... Não olhes nem sequer para tras. Não roubes ao Senhor uma migalhinha que seja do que lhe deste.

Não, não roubes nada. Porque é um verdadeiro roubo, podes crê-lo: — a tua oferenda é uma coisa santa. E então se te consagraste a ti mesmo...

Talvez Ele te não peça mais do que as pe-

quenas coisas do dia a dia, que pela sua monotonia custam também bastante. Mas talvez te peça mais, talvez te peça o sacrifício dos teus desejos mais legítimos, de tudo, absolutamente tudo. . .

¿Queres ir mais longe ainda ?

O Caminho é estreito, eu sei, mas há tanta luz. . .

Anda, faz por amor d'Ele tôdas as pequenas acções de cada dia. Se não és muito clara e evidentemente chamado a cousas extraordinárias, vem, procura fazer cada vez melhor o que tens a fazer, os teus deveres de cada dia, nas circunstâncias em que te encontras. E' assim que Deus quer que tu faças: é a Sua vontade. Eu sei que te custa, talvez, muito mesmo. Mas isso é que dá mérito às tuas acções, podes crê-lo.

Não te iludas. A santidade consiste precisamente nisso : — em fazermos *por amor* os nossos pequenos deveres de cada dia.

¿Parece-te que noutras circunstâncias serias mais santo? Talvez. . . mas essa outra situação não existe agora. A realidade é outra.

Ainda não estás realmente nessa nova situação e talvez não o estejas nunca. Anda por lá, sim, a tua imaginação, a pobre louca. Mas que ao menos a parte superior e mais fina da tua vontade a contrarie e queira que te santifiques onde estás realmente. Está certo duma coisa: a tua cruz seguir-te-á a tôda a parte. . .

* * *

Não digas na doença: — eu tinha as minhas obras de piedade a que tanto me dedicava e agora estou para aqui sem fazer nada, por vezes sem poder rezar um Padre Nosso. . .

Não, não digas: eu não estou a fazer *nada*. Não estás, na verdade, a fazer as coisas *do teu gosto*, mas estás a fazer essa coisa estranhamente grande — a *Vontade de Deus*. Estás aí porque Ele quiere que aí estejas.

Tu sabes estas coisas e estás convencido que são bem assim. Mas não o estás absolutamente, senão dum modo teórico. Não tens o coração bastante desapegado e pronto.

Os passarinhos pousam-se no chão com as suas patinhas leves; mas, ao mais pequeno ruído, estão prontos a levantar vôo. Assim deves ser tu. A tua alma deve estar igualmente pronta para voar para o alto, logo que ouça qualquer ruído da moção divina. . .

* * *

— ¿Vês-te numa situação de destaque, a arrastar com todos os contratemplos de publicidade, apesar da tua modéstia te querer bem escondido debaixo do alqueire?

Se aí foste levado, não pelo teu amor-próprio, embora disfarçado, mas pela expressa vontade do.

Senhor, (1) está tranquilo e sofre com paciência a publicidade, os elogios desmedidos, as incompreensões de tôda a ordem, as animadversões, as invejas, as intrigas, as calúnias, tudo.

E, se dum instante para o outro fôres reduzido à obscuridade e ao silêncio, fica contente também. E se nessa obscuridade tiveres a mortificar-te a monotonia das humildes acções de cada dia, alegra-te ainda mais.

Alegra-te sempre. O Senhor não te faltará nunca em nenhuma situação, em nenhuma circunstância, pronto sempre a iluminar-te, a fortalecer-te, a unir-se a ti cada vez mais.

* * *

Anda, anda subindo... ; Não vês que o Senhor

(1) Vejamos como Santo Anselmo concilia a humildade com a obediência no que respeita à aceitação e à conservação de cargos e dignidades:

— « Não só devemos abster-nos de dar qualquer sinal de assentimento, nada dizendo nem fazendo que possa fornecer aos outros qualquer pretexto para nos imporem o fardo de que nos ameaçam », mas também convém que lhe fujamos tão enèrgicamente e por tanto tempo quanto fôr possível — sem que pequemos... Note-se porém que aqueles que teem a outra parte — (a da autoridade no assunto, devem, sem dúvida « obrigar » a pessoa visada (se ela é a mais digna) a aceitar o cargo; e então que sejam sòmente o temor de Deus e a obediência pura que decidam o eleito a ceder: porque a sua consciência pode estar perfeitamente sossegada perante Deus ». (Lettres Spirituelles choisies de Saint Anselme — Introdução — pag. 68 e 52).

te chama? Experimentas as delícias (1) da Sua presença? Está bem. Dar-te-ão ânimo. Mas tem cuidado... um dia podem faltar. Está de sobreaviso. Não te encarinhes a ponto de as amar por si mesmas. Ama sempre e sobretudo quem tas dá.

* * *

Ah! lá vem a aridez!...

O caminho agora é agreste. Faz frio...

Falta a luz que nos guiava os passos nesta ascensão, difícil. Não desanimes; pelo contrário. Mostra agora que tens realmente desejo de chegar ao Alto.

(1) « Não confundamos a *devoção* com certos efeitos que ela produz. A devoção não consiste nos movimentos de consolação sensível que por acaso experimentamos; por mais frequentes que êles sejam, não deixam de ser meramente accidentais, e dependem não só do Senhor mas também do temperamento e das circunstâncias. A suavidade que se sente no serviço do Senhor é boa. O salmista inspirado diz até o seguinte: *Gustate et videte quoniam suavis est Dominus*. (Saboriai e vêde quão suave é o Senhor). Mas a suavidade *não constitue a essência da devoção*... embora sirva de estímulo ao amor.

Devoção é a consagração de *todo* o nosso ser a Deus; é a mais delicada flor e o fruto mais puro do amor, porque é o amor levado ao dom, ao sacrifício *total* de nós mesmos ao ser amado. O cunho da devoção é a totalidade no amor. Quem ama a alguém totalmente não se põe a medir as provas de dedicação que lhe dá; dá-se-lhe com tóda a alma; dá-se-lhe *sem medida* ». (D. Columba Marmion — Le Christ idéal du moine — pag. 443).

Não tens medo... Ele está contigo na atribulação mais que nunca, podes crer. E os seus anjos teem-te como nas suas mãos para que não magoes os pés de encontro às pedras do caminho...

* * *

O' meu irmão que algum dia te ofereceste inteiramente ao Senhor num holocausto pleno : — renova neste instante solene do Ofertório os votos da tua profissão. Une-te à Vítima Santíssima que é quem dá valor à tua oblação.

* * *

O' meus irmãos pobrezinhos ! Fazei vós também neste momento um novo voto de pobreza que seja a aceitação plena do estado em que o Senhor vos pôs. A vossa pobreza é bem segundo a vontade do Senhor, é bem completa !

* * *

O' meus irmãos doentes ! Uni-vos também ao Senhor. Aceitai de todo o coração os vossos sofrimentos. Beijai as mãos do vosso Benfeitor. Bem-dizei-O.

Como sois felizes ! O mundo é louco, julgando dever lamentar-vos.

Sois os filhos queridos do Senhor ; como Ele vos ama !

Ah! que não seja em vão que Ele vos chegue para Si.

* * *

Pensai nos outros irmãos.

; E' tão grande o apostolado que vós podeis exercer do vosso leito de dor, que é talvez um pobre tugúrio — no meio da vossa imobilidade... no meio das vossas dores!...

Vós sois verdadeiramente os que sofreis *o que faltou à Paixão de Nosso Senhor*.

* * *

O sacerdote ao fazer a oblação da hóstia levantou-a ao alto, sôbre a patena; quer dizer: separou-a das criaturas, libertou-a de todo o contacto com elas. A hóstia agora já pertence tôda a Deus, já não pertence ao mundo...

Tu também, meu irmão, deves separar-te das coisas do mundo, se não *efectivamente*, pelo menos *afectivamente*.

A oferta que nesse momento solene deves fazer de ti mesmo libertar-te-á dos laços que te prendem a ti próprio e às coisas profanas, para que adiras ao Cristo e por Ele a Deus, ao Seu serviço, *sob tôdas as formas concretas dos deveres de estado* (1).

(1) *Pour mieux communier* — D. Idesbald Ryelandt. Cap. I — La messe et la vie intérieure — Abbaye de Maredsous — Bélgica, 1922.

Sim, esta oblação separa-te das coisas da terra, faz-te aderir amorosamente ao Cristo, e dêste modo serás partícipe da santidade dAquele, que se fêz hóstia por nós. . .

* * *

Hostia pro hostia !

« As orações com que a Igreja acompanha êste divino sacrifício dão-nos a entender claramente que esta oblação pertence também aos assistentes. Vejamos : que diz o sacerdote, depois do ofertório, ao voltar uma última vez para o povo, antes de rezar o Prefácio ! Orai, irmãos, para que o meu sacrifício *que é também vosso* seja aceite pelo Padre Todo Poderoso.

Assim também, na oração, que precede a consagração, o sacerdote pede a Deus que se lembre dos fiéis presentes, daqueles, diz êle, pelos quais vos oferecemos êste sacrifício, ou que êles mesmos vos oferecem por si e por todos os seus ».

Em seguida, estendendo as mãos sôbre a oblação, pede a Deus que a aceite « como sacrifício de tôda a família espiritual » reunida diante do altar — (*Hanc igitur*).

Como vêdes : são bem os fiéis unidos ao sacerdote e, por êle, a Jesus Cristo, que oferecem êste sacrifício ; Cristo é o pontífice supremo e principal ; o sacerdote é seu ministro, escolhido por êle ; enfim, os fiéis, por sua vez, participam

dêste sagrado sacerdócio e de todos os actos de Cristo » (1).

* * *

Hostia pro hostia!

Sim. Não é o Cristo só que se oferece; é o Cristo místico, é o *Cristo e nós*. Mais « O sacrificio é oferecido por todos os fiéis e não só pelos sacerdotes. O que êstes fazem especialmente, por virtude do seu ministério, é feito pelo voto universal dos fiéis ». (Inocência III — De sacro altaris mysterio — L. III c. 5. P. L. 227, 845).

* * *

No momento do ofertório o sacerdote deita um pouco de água no cális que já contém o vinho e diz esta bela oração: « O' Deus que formastes maravilhosamente a dignidade da natureza humana, e que ainda mais prodigiosamente a reformastes, concedei-nos que *pelo mistério desta água e dêste vinho participemos* da divindade daquele Senhor, que se dignou revestir-se da nossa humanidade, Jesus Cristo vosso Filho e Senhor Nosso, que convosco vive e reina, na Unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos ».

E a sacerdote oferece então o cális para que seja aceite por Deus « *em odor de suavidade* ».

Este mistério da *união da água com o vinho* é em primeiro lugar a maravilhosa união da huma-

(1) D. Marmion — *J. C. Vida da Alma* — pag. 258.

nidade com a divindade em Jesus Cristo. E' também a união de Cristo com a sua Igreja, com o seu Corpo místico. A água somos nós.

« A água simboliza o povo cristão. E' por isso que nos é proibido, ao consagrar o cális, oferecer só vinho ou só água. Oferecer o vinho consagrado sem lhe misturar água, corresponderia a afirmar que o Cristo pode ser oferecido sem nós; ora só quando o vinho e a água estão misturados e confundidos é que se realiza a totalidade do sacramento espiritual e celestial » (1).

* * *

Hostia pro hostia!

Sejamos hóstia com Jesus!

Ofereçamos-lhe algum sacrifício, não só dum modo abstracto, mas muito concretamente: *isto e aquilo*.

Assim, por exemplo: — a aflicção que nos causa qualquer dor inevitável, ou a privação dum prazer que as nossas inclinações desejam, mas que é proibido pela lei de Deus.

¿ Mas quereis mais sacrifícios? E' tão fácil encontrá-los por tôda a parte, a todos os instantes! Levantar cedo é sacrificar a preguiça; levar o dia a trabalhar é sacrificar a ociosidade e a negligência. A' mesa podemos sacrificar a guloseima; en-

(1) S. Cipriano — Carta LXIII citado *in* « Ma Messe » do Abade Ch. Grimaud — pag. 69.

quanto conversamos podemos sacrificar o desejo de ir dizer ou ouvir uma infinidade de coisas inúteis. Poderemos sacrificar os olhos, privando-os da vista de tantos objectos atraentes, que a curiosidade nos incita a ver.

Podemos retrair a língua de cantar os nossos louvores, de falar de nós, e de publicar os defeitos dos outros.

Ofereçamos antecipadamente ao Senhor tôdas as graças naturais, que os anos e as doenças nos vão tirando pouco a pouco. Sacrifiquemos ao Ser eterno o nosso pobre ser que se dêstroí; façamos com que a nossa vida mortal preste, com o seu sacrifício, uma homenagem contínua à Sua imortalidade». (Soufflier — sec. XVII, citado *in* «La Messe centre de notre vie spirituelle» — Dom Lefebvre).

Hostia pro hostia!

Sejamos vítimas em união com a Vítima Sacrossanta.

Estejamos prontos a dar tudo a Deus, a sofrer tudo, a aceitar tudo por amor d'Ele. «Penetrem-nos dos sentimentos de Cristo, unamo-nos a êles num amor intenso pelo Padre Eterno, pelos nossos irmãos, pela salvação das almas, num abandôno completo à Vontade Santíssima de Deus, especialmente no que ela tiver de mais custoso para a nossa natureza».

* * *

Senhor! A vossa Igreja formula muitas vezes

êste voto : « Que nós sejamos hóstias dignas de vos sermos oferecidos eternamente ».

* * *

Estamos muito prontos para o sacrifício... enquanto não chega o momento de o fazermos. A doença prostra-nos. Com a graça de Deus aceitamo-la bem, lá no íntimo do nosso coração, muito embora nos custe como é natural.

Depois veem momentos de fervor; encantamos a ideia de sofreremos pelos nossos irmãos no Senhor, de sofreremos « o que faltou à Paixão de Cristo ».

E por vezes chegamos até a pensar que não nos custaria nada dar a própria vida em holocausto, por êsse fim tão elevado. Mas, se a mão de Deus pesa um pouco mais sôbre nós, lá vem o desalento, como uma nuvem num céu azul, toldar o horizonte...

E se Ele nos falta, se Ele se esconde... lá se vão as últimas ilusões, como as andorinhas no outono. E então sentimo-nos de todo sós, em contacto com a nossa fraqueza, a reconhecer a nossa miséria, contacto e reconhecimento bem dolorosos para o nosso amor próprio, mas bem salutaes para a nossa alma, porque quanto mais virmos que não somos nada, tanto melhor reconheceremos quanto precisamos dAquele que é tudo.

* * *

¿ Não é certo que nos momentos de fervor sensível, de consolações espirituais, dizemos muitas vezes: — Senhor! tudo o que Vós quiserdes.. Faça-se a Vossa Vontade...? — E' que succede que a Sua Vontade coincide com a nossa.

Mas se Ele quere de nós o que custa à natureza, se Ele nos pede renúncias difíceis... então já nos parece que o Senhor mudou... de modo que o que nós, em realidade, amávamos não era a vontade do Senhor pura e simples, mas a nossa... Quantas vezes permite o Senhor estes esfriamentos e estas quedas para que palpemos o que somos e para que reconheçamos... o que não somos.

VII

ACTIO I

Prelácio

« A palavra: *Actio*... é a contracção de *sacrum agere, operare, facere*, expressões com que os antigos designavam o sacrifício. Ora o sacrifício consiste essencialmente na imolação.

A oblação é apenas a sua preparação indispensável, como a Comunhão é o seu complemento necessário. Daí o ser reservado à imolação, na linguagem primitiva, o termo de sacrifício, de *acção*.

Na Missa, é certo, não há imolação real; há a renovação incruenta da imolação cruenta da Cruz, — que será uma imolação mística, intencional, equivalente, ou a simples oblação real da Vítima imolada precedentemente no Calvário — e realiza-se na dupla consagração. Mas uma série de ritos enquadra a consagração, constituindo com ela um só todo, uma única *acção*. A *Actio* estende-se do *Dominus vobiscum* depois da *Secreta*, ao *Amen* que precede o *Pater*. Primitivamente era uma só oração de graças — *Eucaristia* — que cantava os benefícios de Deus desde a criação até à descida do Espírito Santo e à admissão dos fiéis na glória. Hoje o fio das ideias é quebrado pelo *Sanctus* que

divide a *Actio* em duas partes desiguais: a primeira, modulada em alta voz — *Praefatio* —; a segunda recitada em voz baixa — *Canon* » (1).

* * *

A palavra *Prefácio* é hoje tomada comumente no sentido de introdução ao Cântico. Antigamente o Prefácio fazia parte do Cântico. É uma das orações mais importantes da Liturgia, pela sua antiguidade, pela sua estrutura e pelos conceitos que encerra (2).

« É a oração eucarística (ou de acção de graças) por excelência ».

* * *

Depois de saudar o fiéis, servindo-se dessa bela saudação « *Dominus vobiscum* » — o Senhor seja convosco — o celebrante convida-os a erguerem ao alto os corações: *sursum corda*. ¿ Para quê? Para que, livres de todos os cuidados terrenos, de todos os pensamentos perversos ou vãos, deem graças a Deus Nosso Senhor *com dignidade, atenção e devoção*. E os fiéis respondem a êsse àlerta — e oxalá que com verdade! — : *habemus ad Dominum* — temo-los erguidos para o Senhor.

É o momento propício para os convidar a da-

(1) P.^e António Coelho — « *Curso de Liturgia Romana* ». — Vol. II (Liturgia Sacrificial) pag. 172, n.^o 139.

(2) P.^e António Coelho — o. c. (pag. 172 e ss.).

rem graças a Deus; — *Gratias agamus Domino Deo nostro*. E o sacerdote ao dizer estas palavras eleva os olhos ao Céu e junta as mãos, para dêste modo expressar a veemência dos seus sentimentos.

...E então os fiéis recordam os grandes benefícios e bondades do Senhor...

Foi Ele que se dignou criar o homem à sua imagem e semelhança;

Foi Ele que, ao vê-lo, após a queda, afastado de Deus, não hesitou em dar o Seu Filho Unigénito, o qual se dignou fazer-se homem e morrer por amor dos homens;

Foi Ele... —¿ que sei eu? — foi Ele que concedeu tantas e tão grandes graças às suas almas...

Ah! então os fiéis sentem necessidade de dizer e redizer muitas vezes ao Senhor o seu agradecimento; sentem necessidade de confessar solenemente que é *digno e justo* que se Lhe deem graças, muitas graças...

E por isso é que o sacerdote continua a dizer, em nome de todos, que é *verdadeiramente digno e justo, equitativo e salutar que nós Lhe demos graças, em todos os lugares, na prosperidade e na adversidade, no fervor e na secura interior — sempre.*

Ah! não o digas só com a bôca! Confirmando-lo, traduzamo-lo em obras, na ocasião devida.

Andamos tão longe daquela conformidade, que devêra haver, entre o que dizemos e *aparentamos* e o que somos! Na verdade, quão pouco *verda-*

deiros somos na nossa vida! Se os homens soubessem o que na *realidade* somos! Ah! mas sabe-o Deus, que tem sempre os olhos postos sôbre os bons e os maus: — olhar prescrutador, olhar terrível... Mas também olhar paternal e amoroso! Lembremo-nos disto muitas vezes, meu irmão!

* * *

E depois, não esqueçamos, — pois isto é fundamental! — que é *por Jesus Cristo* que devemos agradecer a Deus, pois «nenhuma acção de graças é mais digna de Deus-Pai do que a que sobe ao Céu pelo seu Filho Jesus Cristo»; é Ele o Caminho — o *único caminho!* — que nos leva aos Céus.

Quantas almas desconhecem praticamente este princípio basilar, e se perdem em minúcias; «e fazem consistir o seu *fim* no que não passa dum *meio*: e fazem com que só sirva de obstáculo o que foi feito para auxiliar!...»

* * *

E' *por Cristo* que a Majestade de Deus é louvada e adorada pelos Anjos e pelos Arcanjos, pelos Tronos e pelas Dominações, pelos Céus, pelas Virtudes Celestiais e pelos Serafins.

E assim — ó beleza da comunhão dos Santos! — pedimos todos ao Senhor, pela bôca do celebrante, se digne permitir que juntemos a estas inúmeras vozes as nossas vozes suplicantes, para tam-

bém exclamarmos entusiasmados, confundidos e arrebatados, — *una voce* — a unísono — o « hino de vitória em louvor da Santíssima Trindade » que Isaias (VI-3) ouviu cantar aos Serafins junto do Trono, e as aclamações que ressoaram em Jerusalém, no dia de Ramos :

Santo, Santo, Santo; é o Senhor Deus dos Exércitos.

Os Céus e a terra estão cheios da Vossa glória. Hosana no mais alto dos Céus. Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas.

Que empolgante não é o Prefácio!

Durante a sua recitação ou canto « não vejais mais nada do que Jesus Cristo a caminhar na presença do Pai Celestial, e então, na majestade do seu pontificado, eterno, êle que é o Chefe supremo de tôda a Igreja triunfante, padecente e militante, a fazer ressoar a voz augusta do seu louvor e, em breve, da sua súplica, por aquela que Ele quer *Gloriosa, sem mancha nem ruga, santa e imaculada...*

Que há aí de mais surpreendente do que esta liturgia?» (1).

* * *

E depois o canto a unísono de todos, todos os que assistem à Missa, (¿ quando se fará isso entre nós?) como nos faz recordar o Céu, onde todos

(1) D. Eugène Vandeur O. S. B. — *La Sainte Messe* — Notes sur sa liturgie — 7.^a, ed., pag. 176.

dizem e redizem sem cessar estas mesmas palavras de louvor e de adoração!

Ah! na verdade a oração da Igreja é uma oração celestial.

Se nós meditássemos bem estas orações tão belas, e procurássemos fazer com que o nosso entusiasmo se traduzisse em obras conformes com o que dizemos, outro seria o fruto da nossa assistência à Santa Missa; outros seriam os indivíduos, outras as famílias, outras as sociedades.

E não queremos crer nisto! Concordamos que é assim mesmo... mas não fazemos nada mais. Desejamos talvez que isto assim seja cada vez mais, mas não o desejamos *eficazmente*; ficamos num desejo vago... Pois bem, meu irmão. Toma *agora mesmo* a generosa resolução de fazeres da Eucaristia — sacrifício e sacramento, — o centro da tua vida interior; e de procurares pôr, o mais possível, os teus actos de acôrdo com as palavras que pronuncias juntamente com o celebrante e os demais fiéis. Começa hoje, agora mesmo. Não deixes perder esta luz do alto.

VIII

ACTIO II

Te igitur — Communicantes

A segunda parte da « *Actio* » é communmente designada pelo nome de *Cânon*, regra, modo de celebrar o Sacrifício.

No comêço do século VII já tinha a mesma forma que tem hoje (1).

Primitivamente o *Cânon* principiava com o *Sursum Corda* (2).

Hoje começa logo depois do último *Hosanna* do *Sanctus*. E' o *Sanctus* que o separa do *Prefácio*. As duas palavras *Te igitur* da oração que vem depois do *Sanctus* pretendem hoje reatar dalgum modo o fio partido, pois a « *Actio* », que vai do *Dominus vobiscum* que precede o *Prefácio*, até ao *Per ipsum* (inclusive), é um todo único.

O aumento que a iluminura da letra *T* do *Te igitur* foi sofrendo, por forma a vir a pouco e pouco a ocupar uma página inteira e à parte, veio

(1) P.^o António Coelho — *Curso de Liturgia Romana*. Vol. II, pag. 179 n.^o 142.

(2) Ver (na nota 4 da pag. 70 da obra supra citada) «o tipo mais primitivo do *Cânon*».

acentuar essa ideia errónea de separação do *Pré-fácio* das orações subsequentes.

* * *

Durante o *Cânon* reina hoje geralmente o silêncio. Imponhamo-nos também silêncio; imponhamos silêncio aos nossos cuidados e distrações e sigamos o Sacerdote com profundo respeito. Vai-se celebrar o Augustíssimo Mistério do Altar.

* * *

Na primeira parte do *Te igitur* o Celebrante supplica a Deus se digne abençoar as oferendas; na segunda parte (que começa com as palavras « *In primis* ») pede-Lhe pelas necessidades da Santa Igreja. Pede-Lhe que lhe dê paz — « graça que contém tôdas as outras » — ; que a proteja, unifique e governe; pede-Lhe que guie o Santo Padre, Vigário de Cristo na Terra, « Pai da grande família de Deus »; que dirija o seu Bispo, que é para êle « um laço sagrado de unidade ». *E' em comunhão com êles que celebra o Santo Sacrifício.*

« Na altura em que se vai realizar o acto mais solene da religião, a assembleia sente necessidade de afirmar solenemente a sua comunidade de fé e de amor com aqueles que a precederam e que ainda lhe estão presentemente unidos em Cristo.

« Sim. A assembleia vai, através do espaço e do tempo, dar a mão aos Apóstolos e aos Mártires,

a todos os que com ela professam a mesma fé orthodoxa, para os associar, dalgum modo, ao acto que, após elles e com elles vai renovar». (1)

Ah! não esqueçamos nunca que o Sacrifício eucarístico é o *sacramento da unidade*. (2)

* * *

O Celebrante pede ainda pelo rei ou príncipe (nos países em que os há) ou pelos poderes públicos, para que tôdas as suas leis sejam inspiradas na ideia de Deus. Pede finalmente por todos os filhos orthodoxos da Igreja Católica, Apostólica, Romana.

* * *

Ah! não esqueçamos que a grande devoção da Liturgia é orar pela santa Igreja... E' a devoção das almas grandes, daquelas que deixam em segundo lugar os seus pequenos interêsses de cada dia, para cuidarem, antes de mais, de olharem pela Santa Igreja, Espôsa Imaculada de Jesus Cristo, de a verem bela como o próprio Deus, poderosa na sua acção, e vitoriosa nas suas perpétuas lutas.

Alarguemos, dilatemos a nossa piedade; sejamos almas nobres, elevadas, que buscam, por sô-

(1) D. Morin — *L'idéal monastique et la vie chrétienne des premiers jours* — pag. 89.

(2) Vale a pena meditar a obra supra-citada, a pag. 82 e ss.

bre tôdas as coisas, a glória de Deus e de seu Cristo, por meio da Igreja (1).

* - * *

Memento Domine... Lembrai-vos, Senhor, dos vossos servos e das vossas servas. «E' neste momento que o Sacerdote ora pela intenção de vivos determinados, (2) sobretudo daquele por quem é celebrada a Missa. E' este o fruto *especial* da Missa. Mas há ainda o fruto *especialissimo*, que é sempre propriedade do Sacerdote que cele-

(1) D. Vandeur, *La Sainte Messe*, pag. 190-191.

(2) Desde que há um *fruto especial* para aqueles *pelos quais* se celebra o Santo Sacrifício, por que não haremos de mandar dizer Missas pela conversão dos pecadores em geral e daquele pelo qual nos interessamos em particular?

«Se não podemos conseguir que assistam à Missa *com a intenção, ainda que vaga e confusa, de cumprir um acto de religião*, tentemos por este meio das Missas celebradas por êles, fazê-los participar do poder que a imolação de Cristo tem de perdoar *todos os pecados*. Quantos e quantos dos que pedem as graças da conversão duma pessoa querida esquecem que tem, na oblação de Cristo, a remissão de *todos os pecados*? Isto não quer dizer de modo algum que devam desprezar os actos de abnegação, de mortificação, a oração, a prática das virtudes, em união com Cristo e por essa intenção. Afirma-se tão somente que a oferta da imolação do Altar, por intenção dos pecadores, é a *melhor* obra de misericórdia que podemos fazer por amor dêles» Abbé Ch. Grimaud — *Ma Messe*, — pag. 141.

bra (1). Que fruto enorme podemos tirar d'ê! Que privilégio não é o estar presente nos lábios e no pensamento do Sacerdote na ocasião em que êle vai realizar o acto mais trémendo e mais sagrado que se possa imaginar! Ah! se nós tivéssemos fé nisto!

O Celebrante pede em seguida pelos *circunstantes*, pelos que assistem à Missa.

E' que a teologia ensina que êles teem um direito muito particular (2) aos frutos do santo Sacrifício, primeiramente — e mais que os outros, — os ministros ou o ajudante da Missa, e depois tôda a assembleia, todos os assistentes.

Ah! se nós assistíssemos sempre *com fé e devoção* (*quorum tibi FIDES cognita est et nota DEVOTIO...*)... (3)

(1) Não enquanto celebra, porque todos os fiéis são, em certo modo, concelebrantes, mas enquanto *oficia*, enquanto *consagra* — Idem, pag. 152 e seguintes.

(2)... *Quem assistir à missa paroquial recebe as mesmas graças que colheria dum missa que mandasse celebrar por sua própria intenção*, porque segundo graves teólogos, dum missa aplicada por muitos, cada um recebe os mesmos frutos que receberia se ela fôsse aplicada por si só!

L. Salvi, O. S. B. Abade Ordinário de Subiaco — «*Bolletino Liturgico*» V, 1927, — pag. 241.

(3) «O sacrifício não actua em nós como os sacramentos — *ex opere operato*. Os seus frutos são inexgotáveis mas dependem, em grande parte, das nossas disposições interiores. Se é certo que, em cada missa, há para nós, possibilidades infinitas de perfeição e santidade, não

Mas não só recomenda os assistentes como também os parentes dêles, os amigos presentes ou ausentes — *pro se suisque omnibus*.

Pede para todos a redenção, a salvação e até a saúde do corpo (1).

* * *

Et memoriam venerantes... E' a recordação da Igreja triunfante.

Honremos, diz o Celebrante, a memória da Santíssima Virgem, Mãe de Deus, dos Santos Apóstolos, dos Santos Mártires e de todos os Santos...

«O Sacrifício é oferecido, não aos Santos, mas a Deus e só a Deus. Somente se sacrifica em honra e memória dêles.

Todavia fazer memória dêles é implorar indirectamente a sua intercessão...

Oferecer o Santo Sacrifício em sua honra é dar graças a Deus pela sua predilecção por êles; é atrair sobre nós a fortaleza que nos ajuda a imitar a sua vida e a praticar as principais virtudes, que os distinguiram, pois êles oram por nós » (2).

é menos certo que as graças que recebemos se medem pela nossa fé e amor.

Por isso é que o sacerdote indica a disposição dos corações dos assistentes: «...*quorum tibi fides cognita est et nota devotio*» — D. Columba Marmion — *Jesus Cristo, vida da alma* — pag. 283.

(1) D. Vandeur O. S. B. — o. c.; pag. 194 e seguintes.

(2) Idem — pag. 198.

Primeiro vem Nossa Senhora, concebida sem pecado, Mãe de Deus e Mãe nossa, Virgem antes e depois do parto.

A seguir veem os Apóstolos, essas admiráveis pedras fundamentais do grande edifício que é o Corpo místico de Cristo:

Pedro, que é a pedra sôbre a qual Jesus Cristo edificou a Sua Igreja; é o vigário de Cristo na terra; é o Pastor das ovelhas e o Príncipe dos Apóstolos; a êle fôram confiadas as chaves do reino dos céus.

A' imitação dos fiéis da primitiva Igreja, que não cessavam de pedir a Deus por aquele que, por humildade, quis ser crucificado com a cabeça para baixo, peçamos muito pelo seu sucessor o Papa Pio XI, felizmente reinante (1). E' um grande dever de todos os católicos.

Paulo, que de acerbo inimigo dos discípulos do Senhor passou a ser vaso de eleição; é o ínclito doutor das gentes, que quis ser excomunhão e opróbrio por amor dos seus filhos espirituais.

André, que saüdava a «cruz preciosa» e lhe

(1) Oração pelo Papa (incluída no Missal):

« O' Deus, pastor e guia de todos os fiéis, olhai propício para o Vosso Servo Pio XI e que vos dignastes pôr à testa da vossa Igreja: concedei-lhe, Senhor, a graça de edificar por meio das suas palavras e do seu exemplo, para que êle possa alcançar a vida eterna juntamente com o rebanho que foi confiado à sua guarda e cuidado.

Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amen ».

suplicava recebesse o discípulo dAquele que, pendente dela, morreu por nosso amor.

Tiago, o Maior, irmão de S. João, que mereceu ser testemunha (com Pedro e João) da Transfiguração do Senhor e cujo corpo se venera em Compostela, na vizinha Espanha.

João, o Discípulo Amado, o evangelista que se ergueu como a águia em vôos magníficos ao fazer do Verbo feito Carne.

Tomé, — aquele cuja dúvida nos deu tanta certeza, que «ao palpar as carnes do seu Mestre, sou as feridas da nossa infidelidade».

Tiago, o Menor, primo do Senhor e irmão do Apóstolo Judas Tadeu que foi precipitado do alto terrasso do Templo... Foi êle quem proclamou que «a fé sem obras é morta».

Filipe, — aquele que pediu ao Senhor que lhe mostrasse o Pai, pois isso lhe bastaria. E Cristo respondeu-lhe: «Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceis? — Filipe, quem me vê, vê o Pai».

Bartolomeu, — a quem tiraram a pele em vida.

Mateus — que é representado por um animal com face humana, por começar o seu Evangelho pela série dos antepassados de que Jesus descendia enquanto homem.

Simão, o Cananeu, que anunciou o Evangelho aos povos do Oriente juntamente com

Tadeu (Judas), primo de Jesus, que foi também martirizado com aquele na Pérsia.

Veem a seguir os papas Mártires :

Lino que succedeu immediatamente a S. Pedro no govêrno da Igreja.

Cleto — o 3.º Papa, convertido por S. Pedro.

Clemente — autor duma carta aos Coríntios que é « um precioso documento dos primeiros séculos do cristianismo ».

Xisto — de quem S. Cipriano diz que « foi amante da paz e excelente em tôda a espécie de virtude », e

Cornéllo — que combateu o primeiro anti-papa Novaciano.

Veem depois outros ilustres :

Cipriano, bispo de Cartago, « cujas obras são mais brilhantes do que o sol », no dizer de S. Jerónimo.

Lourenço, o primeiro dos sete diáconos ao serviço da Igreja romana no tempo do Papa Xisto, êsse mesmo que mostrou centenas de pobres ao seu perseguidor que lhe pedia os *tesouros* da Igreja.

Crisógono — sacerdote romano que ajudava Santa Anastásia na obra santa de confortar os cristãos presos e condenados às torturas.

João e Paulo — de nobre família, tomados de horror ao verem um ídolo, exclamaram : — « Ah ! maldição ; Senhor, tirai de diante dos nossos olhos tão abominável objecto . . . » e fôram degolados.

Ah ! se nós assim tivéssemos horror ao peccado, a todos os ídolos dêste mundo !

Cosme e Damião — irmãos, médicos distintos, grandes e apóstolos, médicos dos corpos e das almas . . .

* * *

— Que série admirável de vítimas! Com que devoção não devemos pronunciar os seus nomes!

E nota, meu irmão, que « o simples facto de serem nomeados no Cânon e na Missa, neste momento solene e divino, dá aos Santos mais honra e glória do que qualquer outra prática de piedade; não o esqueças » (1).

* * *

Pensemos com alguém (2), meu irmão, que delicioso não é o poder repetir no altar as mesmas palavras com que tantos sacerdotes, cheios de fervor e de piedade, celebraram o Santo Sacrifício durante tantos séculos e em tôda a Igreja!

Estas orações do Cânon fôram já consagradas nas idades dos Mártires, e nas capelas fúnebres das catacumbas. Oh! como èste pensamento é elevado e consolador!

* * *

E agora, meu irmão, eis-nos em presença das

(1) D. Vandeur — o. c. pag. 199.

(2) Gühr — citado na o. c. de D. Vandeur, pag. 181.

soleníssimas orações que precedem a Consagração. A igreja militante, a padecente e a triunfante estão, para assim dizer, com os olhos postos no altar. Momento solene!

Recolhamo-nos mais, meu irmão, para assistirmos menos indiferentes a êsse *Mistério de fé*.

IX

ACTIO III

Consagração

Hanc igitur...

O sacerdote estende as mãos sôbre o cális e a hóstia, à semelhança do que fazia outrora o Sumo Sacerdote sôbre a vítima que era imolada em expiação pelos pecados. Jesus, única vítima digna de Deus, vai ser imolada por nós.

O sacerdote pede ao Senhor se digne aceitar êste sacrifício oferecido por êle e por todos os seus filhos, esta « *oblação da nossa servidão* » (1) como diz o texto sagrado.

* * *

Depois vem a oração « *Quam oblationem* » que « tem por fim alcançar a graça da transubstanciação ».

« Não que ela negue a virtude das palavras da Consagração, que, proferidas pelo sacerdote em nome de Cristo, operam a transubstanciação ; mas

(1) « Estas palavras vincam bem o carácter distintivo dos ministros de Deus ; — são seus servos, seus escravos, mas esta servidão é uma realeza porque servir a Deus é reinar ». — P.^e António Coelho — *Curso de Liturgia Romana*. Vol. I, pag. 180 (nota).

tem por fim proclamar invocando-o, o poder de Deus santificador, que converte a substância do pão e do vinho na substância do Corpo e Sangue de Jesus » (1).

Ao terminar a oração « um vivo affecto de ternura, provocado pelas palavras: *dilectissimi Filii tui* — obriga o sacerdote a juntar as mãos como que para abraçar e apertar o Filho muito amado do Pai, Nosso Senhor Jesus Cristo ».

E eis-nos chegados ao momento mais solene da Santa Missa, à

CONSAGRAÇÃO

Qui pridie... — « Esta fórmula é de tôdas a mais venerável, não só pela sua origem — é tirada quasi tôda dos sinópticos e de S. Paulo — e pelo objecto da sua narração — a instituição da Santíssima Eucaristia — , mas também e sobretudo pela sua eficácia — opera a conversão da substância do pão e do vinho na substância do Corpo e Sangue de Jesus e reproduz dum modo incruento o sacrificio cruento do Supremo Pontífice da humanidade.

« E' o ponto central ao redor do qual gravitam tôdas as fórmulas e cerimónias; é o momento mais augusto da Santa Missa. O sacerdote, que nunca deixou de obrar em nome de Jesus e como seu

(1) P.^e António Coelho — o. c., pag. 180.

ministro, agora desapareceu ante a pessoa sagrada de Jesus que vem renovar os gestos, as palavras e os milagres da última Ceia, que vem realizar o mistério por excelência da nossa fé — *mysterium fidei* — que o diácono aclamava outrora e que ainda hoje o sacerdote confessa numa fervente explosão de fé que, impaciente, o obriga a interromper a fórmula da Consagração do Cális. O celebrante expõe, elevando-os à adoração dos fiéis, a Hóstia e Cális consagrados » (1). Os fiéis devem levantar a fronte para contemplarem o Deus escondido sob as espécies sacramentais e depois devem inclinar a cabeça para O adorarem.

...E está operada a transubstanciação.

A simplicidade com que nós pedimos o grande milagre da transubstanciação, diz o P.^e Chaignon, assemelha-se àquela que torna a S. Escritura tão sublime ao narrar o poder de Deus no acto da Criação: faça-se a luz e fêz-se a luz; e a maravilha não menos espantosa da Incarnação do Verbo no seio de Maria: Faça-se em mim segundo a Vossa palavra: E o Verbo se fêz carne » (2).

* * *

Ah! Como aqueles que receberam a graça e a honra dum ministério tão sublime deveram per-

(1) P.^e António Coelho — o. c., pag. 182.

(2) Chaignon — *Le prêtre à l'autel* — citado por D. Vandeur — o. c. pag. 205.

manecer numa perpétua admiração e num acto incessante de reconhecimento e de amor ao nosso Deus, a Jesus Cristo Supremo Sacerdote! . . . Realmente « o sacerdócio é a maior dignidade da terra ». « O' que grande e digno de veneração é o ofício dos sacerdotes, aos quais é concedido consagrar com palavras santas o Senhor de majestade, bendizê-lo com os lábios, tocá-lo com as mãos, recebê-lo no próprio peito e ministrá-lo aos outros! O' que limpas devem ser aquelas mãos! Que pura a bôca, que santo o corpo e que imaculado o coração do sacerdote, em que tantas vezes entra o Autor da pureza!

« Da bôca do sacerdote não deve sair palavra que não seja santa, honesta e útil, já que tantas vezes recebe o Sacramento de Cristo.

« Os seus olhos devem ser puros e castos, pois estão costumados a ver o Corpo de Cristo; suas mãos puras e alevantadas ao Céu, pois costumam tocar o Criador do Céu e da terra » (1).

* * *

Ah! que o sacerdote se não esqueça nunca de que « celebrar a Santa Missa, desempenhar-se das funções augustas do ministério, sem operar antes de mais nada a « própria crucificação » seria

(1) *Imitação de Cristo* — Liv. IV — cap. XI (6 e 7).

— « Oh! a grandeza da dignidade do Sacerdote! Se êle se compenetrasse bem dela, morria »! S. Vianney—citado na « *Vida na Paz* » pag. 107 (nota).

aceitar as honras e recusar os sacrifícios, e expor-se à vingança de Deus » (1).

E' que Jesus Cristo, o grande Mestre das almas, nutre-as com a sua Carne, com todo o Seu ser.

E não há ninguém que receba o encargo de as pastorear que não deva assumir o dever de as nutrir da sua própria Carne (2).

* * *

O' meu irmão ; honremos os sacerdotes. ¿ Conheces o caso daquele santo jóvem ordenado por S. Francisco de Sales ? Olha : tinha êsse jovem a felicidade de ver o seu Anjo da Guarda, que o acompanhava sempre em forma visível. Até êle ser presbítero, o anjo andava sempre adiante. Pois, logo que S. Francisco de Sales o ordenou de sacerdote, o Anjo recusou-se a passar adiante e obrigou o novo presbítero a passar primeiro ! Tal é aos olhos dos Anjos a dignidade sacerdotal ! Tal foi a lição que êsse Anjo nos deu a nós, pobres pecadores.

* * *

Quanto a nós, meu irmão, que recebemos tantas vezes, talvez todos os dias, o Senhor Sacra-

(1) D. Jean d'Hemptinne — *Une âme bénédictine* (D. Pie d'Hemptinne O. S. B.) — Pensées.

(2) Idem, idem.

mentado em nossos corações, quão limpos devêramos ser e castos e puros!

¿ O que será de nós se O não recebermos o melhor que pudermos?!

E depois não esqueçamos que somos templos de Deus: — ¿ Como havemos de O dar aos outros se O não soubermos conservar em nós?

Se não orarmos, se não conversarmos com Ele, ¿ como havemos de saber o que Ele quiere de nós e o que devemos fazer?

Daí tantos esforços inúteis, tanto apostolado infrutífero. ¿ E porquê?

Porque sem alma.

* * *

Não cuidemos de nós de tal modo que não vejamos mais nada; que não pensemos em nos darmos aos outros. Pois quem ama a Deus verdadeiramente, ama as almas em Deus (1). Mas também

(1) «As almas quando começam a amar dirigem-se e erguem-se para Deus; e quando progridem no amor dão-se tôdas ao próximo, em quem descobrem a Deus; imitam a Jesus no seu amor pelas almas».

(D. Jean d'Hemptinne — *Une âme bénédicte* (D. Pie d'Hemptinne O. S. B.) pag. 123.

— «No que diz respeito à caridade para com o próximo tenho como evidente o seguinte: que, *na vida interior, a alma não pode fazer abstracção do mundo que a cerca para amar unicamente o Cristo escondido dentro de si.*»

(Idem, idem — pag. 299).

não nos demos de tal modo que nos prejudiquemos a nós (1). Porque a verdade é esta: Se não nos enchermos bem dEle primeiro, não poderemos trabalhar com fruto. ¿ Pois como havemos de dar o que não temos?

Assim que, meu irmão, trabalhemos primeiro por nos enchermos dEle e depois demos aos outros o transbordamento da nossa vida interior, da seiva divina que correr nas nossas almas. E' que não podemos perder-nos, para salvar os outros.

E perder-nos-íamos se déssemos da seiva que nos é precisa porque então diminuiria a nossa vida e conseguintemente a possibilidade de darmos vida aos outros, o que seria também um prejuizo para êles.

* * *

Unde et memores... «Tôdas as vezes que isto fizerdes, disse o Senhor, fazei-o em memória de mim». Então o sacerdote, nesta oração, como que correspondendo a êsse desejo do Senhor, recorda todos os mistérios de Jesus: a «bem-aventurada Paixão», a Ressurreição e a Ascensão aos Céus. Depois, na oração «*Supra quae...*» «a

(1) «A preocupação com prejuízo de recolhimento é prova dum amor pouco esclarecido; é preferir um acontecimento qualquer à paz de Cristo, único bem verdadeiro e fonte de tudo o que é bom. Portanto a nossa actividade deve nascer do recolhimento e tirar dêle tôda a sua fecundidade, sem nunca nos absorver inteiramente.»

(Idem, idem — pag. 105.)

Igreja recorda a Deus, com uma esquesita delicadeza, três sacrifícios da Antiga Lei que Lhe fôram agradáveis: o de Abel, o de Abraão e o de Melquisedeque e pede-lhe que se digne olhar propícia e benèvolamente esta oblação como Lhe agradaram êsses sacrifícios da Antiga Lei » (1).

* * *

O sacerdote inclina-se profundamente — gesto sugerido pela palavra *Supplices* — e diz esta oração, que « marca uma transição para a Comunhão », pois fala « da participação neste Sacrifício pela recepção do Corpo infinitamente Santo e do Sangue do Vosso Filho... »

« A Igreja pede que a oblação seja levada pelo Anjo do Senhor até ao mais alto dos Céus, para

(1) Aqui se vê mais uma vês que não é só Jesus que se oferece, é Jesus e o seu Corpo Místico.

Com efeito: Se fôsse Jesus a única vítima, separado do seu Corpo Místico não teria receio de não ser agradável a seu Pai, pois Ele está sentado à direita do Pai e é o Rei da Côrte Celestial.

Ora como nós nos oferecemos com Ele e não somos hóstias puras, como Ele é, precisamos de pedir ao Senhor que nos inspire as mesmas disposições que tiveram os santos patriarcas da Antiga Lei.

Esta insistência da sagrada Liturgia para que peçamos a Deus que olhe propício para a nossa oblação é ao mesmo tempo um convite para que trabalhemos com tôdas as nossas fôrças para nos tornarmos cada vez mais agradáveis à Sua Infinita Majestade. Não o esqueçamos. — Grimaud — *Ma Messe* — pag. 71.

o altar que se ergue na presença da Majestade Divina; de sorte que o sacrifício da terra não constitua senão *um* com o do céu, e produza nas almas os mesmos efeitos da graça » (1).

E' sempre a ideia da *unidade*...

* * *

E agora vem com o *Memento pelos mortos*, uma nova interrupção no Cãnon. O sacerdote recorda aqueles que morreram na fé (pelos quais celebra) e pede que lhes seja concedido, bem como a todos os que dormem no Senhor, o lugar do refrigerio, da luz e da paz. São as almas do purgatório... S. Jerónimo diz que elas não sofrem durante o sacrifício que se oferece por sua intenção. Lembremo-nos pois muitas vezes das almas dos nossos, de tôdas as almas (2).

Depois o sacerdote ajunta à recordação da Igreja padecente a da militante (— *nobis quoque peccatoribus*...) e a da triunfante.

Pede que a militante seja admitida na sociedade dos eleitos « não pela exiguidade dos seus méritos, mas pela superabundância das misericórdias do Senhor ».

E lá veem novos eleitos... E' a continuação da lista dos Mártires, começada atrás no *Communicantes*.

(1) D. Morin — o. c., pag. 89.

(2) Vide — Grimaud — *Ma Messe*, pag. 165 e seg.

Primeiro vem *João Baptista o Precursor*, que preparou, na mais áspera penitência e na mais sincera humildade, os caminhos ao Senhor.

Estêvão—o *Protomártir*, tão belo no seu gesto de pedir o perdão daqueles que o matavam barbaramente à pedrada.

O *Apóstolo Matias*, aquele que foi preferido a José, chamado o Justo, e associado ao Colégio Apostólico após a defecção de Judas Iscariote.

O *discípulo Barnabé*, companheiro de evangelização de S. Paulo, durante doze anos. Depois continuou o seu apostolado até que veio a ser morto à pedrada como blasfemador. Foi sepultado com o Evangelho de S. Mateus que êle tinha escrito pelo seu próprio punho e que costumava trazer consigo.

Inácio, bispo da Antioquia, que se tinha por «fermento de Cristo». E dizia: — «Serei moido pelos dentes das feras, para que me tornem em pão puro».

Alexandre, Papa, sucessor de Evaristo, occupou a Santa Sé durante dez anos aproximadamente.

Marcelino, sacerdote, e *Pedro*, exorcista, fôram condenados à morte e levados para fora de Roma, cêrca de três milhas. Aí fôram executados numa floresta que desde então se chamou A Floresta Branca...

A seguir veem duas Mártires casadas :

Perpétua e Felicidade.

A primeira era mãe e a outra estava para o ser quando fôram lançadas às feras.

Martirizemos pela penitência, como elas, o nosso corpo e a nossa alma de sorte que possamos obter a *perpétua felicidade* em que, segundo nota engenhosamente Santo Agostinho, nos faz pensar a feliz associação dos dois nomes destas Santas.

Finalmente, cinco Virgens Mártires:

A'gueda, a quem cortaram um seio por se recusar a casar com o governador Quintiano. Foi curada milagrosamente pelo Apóstolo S. Pedro. O seu véu virginal, que estava a cobrir o seu túmulo, fêz, por várias vezes, com que se extinguisse a lava que descia em torrentes de fogo do Etna, e que ameaçava abrasar a cidade inteira. Assim honrou Deus a resistência que ela opôs aos assaltos das paixões.

Luzia — aquela que, iluminada pela luz do Alto, afirmou ao juiz que « os corações puros são templos do Espírito Santo ». E ela, na verdade, mostrou que, no templo da sua alma, estava acesa a luz da pureza, que guardou heróicamente até ao fim.

E nós... continuaremos nas trevas?

Inês, de treze anos apenas, « noiva dAquele que é servido pelos Anjos », dizia ao carrasco: « Desfere o golpe sem temor, pois a noiva faria injúria ao noivo se o fizesse esperar ».

Cecilia — de nobre família, consagrou a Deus a sua virgindade desde a infância. Obrigada a ca-

sar com o pagão Valeriano, na noite de núpcias, disse-lhe: « não ouses tocar-me pois eu tenho um anjo que me guarda a virgindade ». E o espôso quis ser baptizado e viu então o Anjo, como ela o via...

Anastásia — foi martirizada em Sírmium, provavelmente depois da perseguição de Diocleciano. Na liturgia romana antiga, a segunda Missa do Natal era a desta Santa, da qual hoje sòmente se faz comemoração nesta Missa.

O' vítimas escolhidas por Deus para confundir os poderosos dêste mundo todos cheios de si mesmos!

Com que veneração não devêramos recordar os vossos nomes, e, com êles, as vossas excelsas virtudes para as imitarmos neste mundo, à fim de que possamos depois, no outro, gozar da vossa santa companhia!

* * *

E eis-nos chegados à conclusão solene do Cânon, ao *Per ipsum*.

E' uma fórmula sucinta, mas de tal modo significativa, que nos deteremos algum tanto nela.

ACTIÓ IV

Doxologia

Por Ele, com Ele, nEle...

(*Per ipsum et cum Ipso, et in Ipso...*)

A conclusão de tôdas as orações da Igreja (1) é: «por Jesus Cristo Nosso Senhor.» (*Per Christum Dominum nostrum...*): — Cristo é o Caminho...

E a oração por excelência, o Cãnon, termina pela fórmula «E' por Ele, com Ele e nEle, que vos é dada, ó Deus Pai, na unidade do Espírito Santo, tôda a honra e tôda a glória», «A mística sagrada que é preciso respeitar, diz D. Vandeur, venera esta fórmula como a mais profunda expressão da glorificação da Trindade adorável e a sublime expressão da oblação que se lhe faz de Jesus Cristo» (2).

Na verdade, diz o Concílio de Trento, a razão da nossa glória está no Cristo em que vivemos, em quem merecemos, em quem satisfazemos, por

(1) Vide n.º 3 da pag. 153 do «Curso de Liturgia Romana» (II vol.) do P.º António Coelho.

(2) D. Vandeur, *La Sainte Messe*, pag. 247.

meio de frutos dignos de penitência que nEle recebem a virtude ; que são por Ele oferecidos ao Pai, e por causa dEle são aceites pelo Pai (Sess. XIV, c. VII).

* * *

« E' por Ele, com Ele e nEle, que os membros de Corpo Místico (de que Ele é a Cabeça cumprem o seu dever primordial e fundamental de louvor perfeito à Santíssima Trindade ».

Pois « só Ele, que é o criador de tôdas as coisas e chefe e Rei de tôda a criatura » (Coloss. XVI, 17), é o único capaz de satisfazer suficientemente a Deus. Ele é a única voz que se ergue do mundo para o trono da Divina Majestade, a única palavra eloquente que atravessa os céus ; só Ele ora e suplica, em nome de todos os seres vivos ; só Ele é o nosso intérprete, o nosso advogado, o nosso *Sacerdote* » (1).

* * *

Corpo Místico de Cristo... doutrina sublime! maravilha do Amor!...

Ouçamos S. Paulo, por cuja bôca fala o próprio Cristo, no dizer do Papa S. Leão :

— « Assim como temos vários membros num só corpo, assim nós, que somos vários, não fazemos senão um só corpo com Cristo. E tomando cada um em particular, somos membros uns dos

(1) Abbé Ch. Grimaud — « *Ma Messe* » — pag. 82.

outros, e temos diferentes dons, conforme a graça que nos foi dada... » (Rom. XII-18).

Ora « o corpo, diz noutro passo o grande Apóstolo, não consta dum só membro mas de vários: pois se tudo fôsse um só membro, onde estaria o corpo? » (I Cor. XII-14, 19).

« O corpo é uno e tem vários membros, e todos os membros, seja qual fôr o seu número, formam um só corpo; o mesmo se passa com o Cristo » (Cor. XII-12). E' a união dos fiéis a Cristo e de Cristo aos fiéis. Daqui se infere uma conclusão importantíssima:

« Quando um membro sofre, todos partilham da sua dor: quando um membro é honrado, todos participam da sua alegria » (I Cor. XII-26).

E o Apóstolo insiste: « Vós todos juntos sois o Corpo de Cristo, individualmente sois os seus membros » (I Cor. XII-26).

E Cristo é a Cabeça desse Corpo Místico:

— « Deus deu-o à Igreja, que é o seu Corpo, como Chefe incomparável » (Ephes. I-22). « A Igreja é pois o complemento de Cristo » (Ib — 23).

Ora « os membros devem estar ligados, unidos à Cabeça, pois é dela que o Corpo, por meio de nervos e articulações, se nutre e recebe o acréscimo querido por Deus » (Col. II-19). Isto é: o Corpo Místico recebe da Cabeça, que é Jesus Cristo, a vida divina que circula por todo êle.

Mas se algum membro não aderir à Cabeça, acontecer-lhe-á o que Cristo diz no Evangelho

(Joan. XV.6): — « O ramo, separado da cepa, será lançado ao fogo, como coisa inútil e sêca ».

Já não receberá seiva; já não terá a vida divina em si.

¿E que maior desgraça?!... ¿Pois como hão-de caminhar os que não teem luz e se perderam no caminho? ¿De que lhes servirão os olhos se não teem luz que os alumie?

Pobrezitos! Olha, meu irmão: vamos ao encontro dêles... ¿Mas sabes? A's vezes é preciso morrer para que êles vivam... Não o esqueças.

Ah! se a tua morte fôr a redenção dêles, será também a tua...

* * *

Pensemos muitas vezes nisto: — se um membro está doente, todos sofrem com isso. Que cuidado devemos pôr portanto em não prejudicarmos o Corpo Místico!..

Mas se um membro é honrado, todos partilham da sua alegria. Quere dizer: — « uma alma que se eleva, eleva o mundo »! Que incitamento para que nos aperfeiçoemos! Como êste pensamento deve dilatar o nosso coração, fazendo-nos pensar bem *de todo o Corpo!*

Tomemos esta resolução desde já! — Vou procurar progredir na virtude para que todo o Corpo progrida...

E' a comunhão dos santos!

* * *

Por Ele...

(Eu sou o Caminho)

« Uma das razões dos poucos progressos de muitas almas na vida espiritual, diz D. Columba Marmion O. S. B., é a não compreensão do plano divino a seu respeito, ou então da sua não adaptação a êsse plano.

« Quanto mais conheço as almas, tanto mais me convenço de que só o simples conhecimento dêsse plano divino é já uma graça preciosa; de que recorrer a êle é uma fonte de incessantes comunicações da graça divina; e finalmente de que o adaptarmo-nos a êle, é a própria substância da santidade.

« Ora êsse plano divino traça-se em quatro palavras: « restabelecer tudo em Cristo »; quer dizer: « Deus quer dar-nos tudo, quer dar-se todo a nós todos, mas não se dá senão *por Cristo, com Cristo e em Cristo* ». Numa palavra: *Cristo é o único caminho*. Por conseguinte, « para que encontremos a Deus, devemos somente seguir a Jesus Cristo por meio da aceitação e prática da sua doutrina e da imitação dos seus exemplos ».

* * *

Nada podes sem Ele...

(Com Ele, nEle, *tudo poderás*)...

« A vida divina em nós não é mais do que

uma participação, pela graça, dessa plenitude de vida que está na humanidade de Jesus, e que circula em cada uma das nossas almas para as tornar filhas de Deus: *de plenitudine ejus nos omnes accepimus* (Joan. I-16). Aí está a fonte da nossa santidade; aí e não noutra parte; esta santidade *é de ordem essencialmente sobrenatural*; só a acharemos em nossa união com Jesus —: *sine me nihil potestis facere* (Joan. XV,5).

« Todos os tesouros da graça e da santidade que Deus destina às almas, encontram-se reunidos em Jesus: Ele só veio a êste mundo para no-las dar em abundância. . . .

« De sorte que, se nada podemos sem Ele, *nEle* tornamo-nos ricos, e nada nos falta: *Ita ut nihil vobis desit in ulla gratia* (I Cor. I-30) » (1).

* * *

Nada podes sem Ele; não presumas do teu valimento; mas tudo podes com Ele; e valem muito as tuas orações, os teus esforços e as tuas acções, com Ele e por Ele. Não desanimes pois nas tuas obras, no momento da tentação.

Não digas: ¿de que vale trabalhar, lutar, se não vejo fruto algum? Tudo poderás nAquele que te conforta. . . .

E de resto a Ele é que pertence frutificar. Tu

(1) D. Marmion — *Jesus Cristo, Vida da Alma* — pág. 421.

fazes por semear bem... Ele depois dará o resto, se achar bem. A sua vontade é sempre o melhor.

Custa sem dúvida a trabalhar sem se ver o fruto respectivo. Mas não importa. Se o Senhor assim o quere, trabalha só porque Ele o quere. E já deves ter nisso consolação bastante.

* * *

Com Ele...

(Eu sou a verdade).

Quem está com Jesus está na verdade. Pobres dos que andam longe d'Ele, nas trevas do erro...

Dá pois muitas graças a Deus, ó meu irmão, que algum dia tiveste conhecimento da verdade e nela podes descansar.

Quem sabe se algum dia tiveste de «limpar do teu espírito as teias de aranha que um racionalismo estéril lá tinha deixado».

E quando a luz te veio bater a jorros na fronte já desanuviada, dize-me ¿ ó meu irmão, não sentiste que, no teu cérebro, como que se voltava tudo ao avesso... e que uma claridade nunca vista iluminava a tua inteligência e lhe abria novos e inesperados horizontes? ¿ Não sentias que essa claridade dissipava as últimas trevas e desfazia, como que por encanto, tantas interrogações inquietantes?

Graça tamanha, meu irmão, graça tamanha!
Que alegria — a da tua conquista!...

Que sublime — a conquista que fizeste !

Vê lá agora, não durmas. Sê o primeiro no devotamento. Ressuscitaste. Ele, o Senhor, deute agora a « *vida nova* ». ¿ E tu que Lhe dás ?

* * *

Olha, meu irmão : Sê sempre muito verdadeiro nos teus actos. Põe tôda a tua vida em conformidade (1) com a tua condição de criatura, livre e racional, sujeita à vontade de Deus ; com a tua qualidade de filho de Deus, com a tua vocação especial, com a tua individualidade.

(1) « Para obrar como cristãos, devemos primeiro obrar como homens. E isto não é sem importância. Sem dúvida, um perfeito cristão cumprirá forçosamente os seus deveres de homem, pois a lei do Evangelho encerra e aperfeiçoa a lei natural. Mas há almas cristãs — e não sòmente entre os simples fiéis mas entre as religiosas, os religiosos e os sacerdotes — exactas até ao escrúpulo nas práticas de piedade que escolheram, e que pouco se importam com certos preceitos da lei natural. Estas almas terão a peito não faltar aos exercícios de piedade, e isso é coisa excelente ; mas, por exemplo, não deixarão de atacar a reputação do próximo, de mentir ; de faltar à palavra dada, de alterar o pensamento dum autor ; de não respeitar as leis da propriedade literária ou artística ; de adiar o pagamento das dívidas com o perigo, muitas vezes, de caírem nas mãos da justiça ; de não observar exactamente as clausulas dum contracto, etc. ». (D. Columba Marmion — « *Jesus Cristo, Vida da Alma* » — p. 224 e 225).

— Cristãos ! Ao fazeres obras supererogatórias, tende cuidado de não esquecerdes *as que são de necessidade*. (Bossuet — citado a p. 225 da Obra supra citada).

Não mintas a Deus nem aos homens. ¿Que estes te tenham por outro do que na realidade és? Paciência. Suporta tudo por amor d'Aquele que, com ser o Santo por excelência, foi tido por tudo quanto há de pior e tratado como tal. Ele sabe bem o que tu és na verdade. Ele te fará justiça um dia. Os homens são impotentes para te julgar. Sê sempre muito recto, muito íntegro através de todos os contratempos.

* * *

E olha, meu irmão, importa muito, para o teu bem espiritual, que queiras ser o que és, com o teu carácter e as tuas qualidades.

« Na nossa vida sobrenatural devemos conservar da nossa personalidade o que ela tem de bem » (1).

E' que « a santidade não é uma fôrma única em que devam desaparecer as qualidades naturais que caracterizam a personalidade de cada um para representar em seguida um tipo uniforme. Pelo contrário: Deus, ao criar-nos, dotou cada um de

(1) Quanto aos teus defeitos: — « não os deves acariciar nem amar, mas suportar pacientemente, pois que, tantas vezes, te são muito bons porque te dão a conhecer a tua miséria ».

S. Francisco de Sales — Carta a M.^{me} de Chantal — 14 de Agosto de 1609.

nós de dons, talentos e privilégios; cada alma tem a sua beleza natural particular; esta brilha pela inteligência, aquela distingue-se pela firmeza da vontade, uma terceira atrai pela sua imensa caridade. A graça respeitará essa beleza, como respeita a natureza, que é o seu fundo; ajuntará somente ao seu esplendor natural um brilho divino, que a eleva e transfigura; Deus, em sua operação santificante, respeita a obra que criou, pois foi Ele quem quis essa diversidade; cada alma traduz um dos pensamentos divinos, e tem o seu lugar particular no coração de Deus » (1).

* * *

Não digas: Ah! se eu fôsse dêste modo ou daquele, faria isto ou aquilo, chegaria facilmente à santidade . . .

— Tu és o que és e nada mais. O resto são fantasias que só servem para quebrantar os esforços que devias empregar em corrigir os teus defeitos e em progredir nas virtudes, *no momento presente*. Enquanto vais fantasiando situações melhores, deixas de *melhorar* na situação em que te encontras *agora*.

S. Bento recomenda aos seus filhos que não queiram ser tidos por santos antes de o serem (2).

(1) D. Marmion — «Jesus Cristo, Vida da Alma» — pag. 227.

(2) Santa Regra — Cap. IV.

¿ De que nos aproveitaria essa mentira ? ¿ Acaso esse juizo falso dos homens nos daria a santidade ?

¿ Como poderiam êles dar o que não teem ?

De sorte que, meu irmão, pensemos com Santa Teresa de Jesus que já é grande humildade contentar-se cada um com o lugar que o Senhor lhe destinou na vida. *E' aí* que nos devemos santificar.

* * *

NEle...

(Eu sou a vida).

Jesus possui em si a plenitude da graça. « Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim quis que o Filho tivesse em si mesmo a vida » (1). E esta vida é uma vida eterna, um oceano de vida divina, que encerra tôdas as perfeições e tôda a beatitude da divindade.

Cristo possui esta vida divina em si mesmo, — por natureza, por direito próprio, porque é o Filho de Deus, o Verbo Incarnado.

Mais. Ele é a vida.

Ora Jesus quiere-nos comunicar esta vida que possui pessoalmente em tôda a plenitude : « Eu vim para que tenham a vida, e a tenham em abundância ».

Ele quiere que essa vida, que é sua pela união hipostática, seja nossa pela graça : « E' da sua plenitude que todos nós devemos recebê-la ».

(1) *Joan.* VI-26.

« Não há graça nenhuma que não se encontre em Jesus como na sua fonte, pois nEle estão escondidos todos os tesouros da ciência e da sabedoria divinas ». E estão aí escondidos para nos serem transmitidos.

Por conseguinte, se queremos — e devemos querer — ter a vida, devemos permanecer unidos a Ele.

Se sem Ele nada podemos fazer, com Ele, nEle, daremos muitos frutos.

Façamos pois o que Ele quiere, pois é essa a melhor maneira de permanecermos unidos a Ele, por isso que unidos à Sua Vontade Santíssima. Fazer sempre e em tudo a Sua Vontade é a essência da santidade.

* * *

S. Bento quiere que a profissão dos seus monges se faça em união com o Sacrifício de Jesus, com o Sacrifício do altar. E' Cristo que dá valor a essa oblação.

Do mesmo modo os nossos sofrimentos ou mortificações só valem enquanto unidos, pela fé e pelo amor, aos de Jesus. « Não façamos consistir a perfeição, diz D. Columba, nas mortificações exteriores, mesmo que sejam extraordinárias, consideradas em si mesmas. Entreguemo-nos à mortificação e suportemos os nossos sofrimentos de cada dia por amor de Nosso Senhor e em união com a Sua Paixão bendita ».

« E' essencial para a nossa alma, diz o venerável Luís de Blois, que unamos tudo quanto fizermos e sofreremos às obras e às dores de Cristo. Porque, por este meio, as nossas acções e provações, que são em si mesmas pobres, deficientes e miseráveis, tornam-se notáveis e muito agradáveis a Deus, visto que os méritos de Jesus, aos quais estão unidas, lhes comunicam uma dignidade inefável ».

« A perfeição tem por medida o grau de união a Jesus » (1). Não o esqueçamos.

* * *

Em resumo :

« Cristo é o *único Caminho*, fora do qual os homens se perdem e correm para a perdição; é a *Verdade* infalível, fora da qual tudo é êrro e trevas; é a *única Vida* verdadeira, que salva da morte » é a « *Vida viva* ».

E é « por Ele, com Ele e nEle, que Vos é dada, ó Deus Pai, na unidade do Espírito Santo tóda a honra e tóda a glória ».

(1) D. Marmion — *Jesus Cristo, Vida da Alma* — pág. 45.

XI

Osculo de Paz

O ósculo de Paz que se dá nas Missas solemnes é o símbolo da caridade que deve unir todos quantos se abeiram da Sagrada Mesa.

« O amor foi, desde os primeiros dias da Igreja, a característica dos discípulos de Jesus, o princípio vital da sua união, afirma D. António Coelho. Expressiam-no e intensificavam-no por um ósculo, ósculo de pureza original, em que vibravam todos os affectos sobrenaturais da alma. Osculo de amor, ósculo de Paz, porque o amor gera a Paz ».

Antigamente, o ósculo de Paz dava-se antes do Ofertório como despedida dos catecúmenos, e preparação dos fiéis para a oblação.

Mas « cêdo foi considerado como uma excelente preparação para a Comunhão e colocado antes da Fracção do Pão ».

Mais tarde foi a Fracção antecipada e o ósculo de Paz deixado para antes das orações que preparam imediatamente para a Comunhão.

Antes de dar o ósculo de Paz, o Celebrante beija o altar, que é a imagem de Jesus. E « se é Prelado, dá a paz ao Presbítero Assistente, Diáconos Assistentes e Ministros; se é simples sacer-

dote, ao Presbítero Assistente, se o há, senão ao Diácono, que a transmite ao Subdiácono e éste ao côro e ministros inferiores.

«Primitivamente a Paz era dada e recebida pelo beijo dos lábios. Hoje, a paz é dada ao clero por meio do abraço. O que a dá diz: *A paz seja contigo*, e o que a recebe responde: *E com o teu espirito*. O Subdiácono dá a paz aos leigos constituídos em dignidade, dando-lhes a beijar um instrumento apropriado: — *o porta-paz* » (1).

* * *

Imediatamente antes da cerimónia do ósculo de Paz, temos a bela oração *ad pacem*:

— « Senhor Jesus que dissestes aos Vossos Apóstolos: «deixo-vos a *paz*, dou-vos a *minha paz*», não olheis para os meus pecados mas para a fé da vossa Igreja e dignai-vos, segundo a Vossa Vontade, dar-lhe a *paz* e a unidade. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amen ».

— Que bela oração esta que pede antes e acima de tudo a paz para *tôda* a Igreja!

E' que a oração litúrgica visa sempre a colectividade, a sociedade, o Corpo Místico. O Sacerdote pede mesmo ao Senhor que não olhe para a

(1) Ver mais pormenores interessantes no II.º vol. do *Curso de Liturgia Romana* (pág. 192) do P.º António Coelho.

sua indignidade *pessoal*, mas para a fé do *Corpo Místico*, para a fé da sua Igreja. Pede-lhe que não o olhe a êle separadamente, mas a êle na unidade dos fiéis, enquanto membro dêsse Corpo Místico de que Ele, Jesus, é a Cabeça.

Ah! dilatemos os nossos corações; alarguemos os horizontes da nossa piedade. Vivamos a oração social, a oração litúrgica. Vivamos a comunhão dos Santos! O Senhor não nos ensinou a dizer; *meu* Pai... mas Padre *nosso*... venha a nós o Vosso Reino...

* * *

Osculo da Paz!...

« Se, na ocasião de ires depor a tua oblação no altar, te lembrares de que ofendeste um irmão teu, vai, pede-lhe perdão, e depois volta e fazê então a tua oblação ».

* * *

Não penses mal de ninguém. A maior parte, se não tôdas as vezes que pensamos mal dos outros, somos absolutamente injustos. Quantas vezes o exterior engana! Quantas, as circunstâncias conspiram também a favor do nosso mau juízo! Mas Deus vê os corações.

¿ Quem sabe se êsse irmão que tu criticas será, em realidade, de verdade, mais santo do que tu? E se o não é, se na verdade há algum fun-

damento para os teus juizos malévolos, pergunta-te o que seria essa alma se tivesse as mesmas graças que tu; o que será talvez um dia à luz plena da Paz infinita de Deus?

* * *

Não, não julgues pelas aparências!... Quantas vezes um exterior severo e rígido capricha em ocultar um grande coração, uma sensibilidade talvez requintada.

Mercê da educação recebida, do modo de vida, do meio e eu sei lá de quantas outras circunstâncias conjugadas — o exterior é frio, o aspecto severo, quasi todos os traços fisionómicos perfeitamente marciais e desagradáveis à primeira vista.

E no entanto se estudarmos, se observarmos bem, viremos a reconhecer, a surpreender um ou outro movimento de comoção, um fugidio olhar de enternecimento, um revelador mover ao de leve a commissura dos lábios; e até nas próprias manifestações de aparente rigidez escura, verdadeiros sinais de profunda vibração interior.

— Se as palavras, se mesmo os próprios actos parecem muitas vezes indicar-nos dureza de coração, embotamento da sensibilidade, baixaza de sentimentos, ainda assim poderemos afirmar que lá no fundo, talvez mesmo de toda aquella lama, há scintilações de bondade, como as dum relâmpago no escuro. «E' que os homens, como diz pro-

fundamente S. S. Pio XI, são melhores do que os seus actos e do que as suas palavras » (1).

— « Não desprezemos nada; nem os homens, porque o mais mau contém a centelha divina que pode saltar dum momento para o outro; nem as ideias, porque no fundo de cada uma delas existe sempre uma parcela de verdade que é preciso descobrir; nem as acções, porque ignoramos muitas vezes os seus motivos e sempre as suas consequências providenciais e longínquas » (2).

* * *

; Como é lindo, nas Missas solenes, o ósculo de Paz?!

¿ Já o viste dar com respeito sem te como-veres?

Osculo de Paz! Se êle se desse com verdade nas embaixadas e nos palácios, haveria paz nas nações e no mundo todo; se êle se desse nas famílias, haveria paz nos lares; se todos quisessem dá-lo a Deus, haveria paz nos corações.

* * *

Dar a paz! Quantas vezes uma palavra afável, um sorriso, um mostrar, de qualquer forma

(1) Citado em *A Vida na Paz* — nota da pág. 93 (trad. port.), 2.^a ed., «Pax», Braga.

(2) M.^{me} Leseur — *Journal et Pensées de chaque jour*.

* * *

que seja, interêsse por um irmão nosso, lhe faz um bem imenso à alma, estanca uma torrente de pensamentos de revolta, amaina uma tempestade do coração, dá talvez a perseverança. . . restitui a paz!

O' meu irmão! a tua religião deve ser muito verdadeira, quero dizer: — deves ter tanto escúpulo em não apoucar a reputação dos outros, em cumprir a tua palavra, custe o que custar, como em cumprir os teus deveres de piedade. — Que a tua vida de actividade seja um transbordamento da tua vida interior. Não sejas como aqueles que pensam agradar muito a Deus, só com a fidelidade, — quantas vezes tôda exterior! — aos seus deveres de piedade, às suas devoções. . . e não teem indulgência nem caridade com o próximo; lançam sôbre o seu nome a difamação e o lôdo; negam-se a perdoar aos que lhe vão humildemente pedir perdão.

Contemporiza o mais possível com os teus irmãos, desde que não ponhas em perigo os teus deveres para com Deus. Eles teem o seu carácter, os seus princípios, o seu modo de ver as coisas, a sua maneira de ser; tu tens os teus próprios. Anda. Vai ter com êles cheio de compaixão pelos seus defeitos, e de misericórdia para os suportares. Dilata o teu coração. Há certamente muitos pontos de contacto entre ti e êles. Procura encontrar-te com êles em tais pontos.

Vai mais longe ainda : Sacrifica as tuas vistas e gostos pessoais e vai, com uma delicadeza amorosa, buscar os gostos d'elles. Coloca-te no seu campo ; faze-te outro êles. Imita S. Paulo que dizia : « fiz-me enfêrmo com os enfermos, para ganhar os enfermos. Fiz-me tudo para todos para os ganhar a todos... » (I Cor. IX — 20-22).

Verás como êles se aproximarão de ti, como os seus corações se abraçarão ao teu, num grande amor de amizade.

E assim terás a paz no teu coração generoso e nas tuas relações com os teus irmãos.

* * *

Na turbação como na calma ; na secura interior e nas consolações sensíveis ; no fervor e na aridez ; numa palavra — em todos os estados da alma e em tôdas as circunstâncias da vida, deves procurar ter a tua vontade unida à vontade de Deus ; ter por melhor o que te sucede, visto que o que te sucede d'Ele vem ; e assim terás a paz no teu coração.

E não deixes nunca entrar no teu coração a tristeza ou o abatimento. Tristeza... ¿ porquê? se é a vontade de Deus o que te sucede, e Ele só quer o nosso bem? A tristeza não vale para nada ; tolle até as energias melhores.

Alegra-te sempre no Senhor : — Ele ama os que lhe dão com alegria.

A compunção, sim, está bem, mas acompa-

nhada de muita serenidade e de muita paz, muita confiança na infinita misericórdia do Senhor. « O temor é o comêço da sabedoria », mas o amor é a sua coroação.

* * *

Há certas horas, eu sei . . . em que o demónio te quiere ver desalentado e sugere-te que deixes a oração e tôdas as tuas práticas de piedade.

Não te deixes iludir.

Essas sugestões conhecem-se bem : — nunca poderias ter para tal fim uma moção divina.

Não, não te iludas ; não consintas na tentação.

Reza então mais do que nunca, ainda que te custe e que não sintas gôsto algum em rezar. Faze *todo o possível* por orar digna, atenta e devotamente e está certo de que a oração assim vale muito ; vale mesmo mais do que quando acompanhada de consolações sensíveis ; é mais pura de tôda a mistura.

Espera . . . que dentro em pouco virá orvalho celeste rociar a terra sêca. E se não vier, louva a Deus pela provação que te manda e sê fiel ao Seu serviço, certo de que « o que perseverar até ao fim será salvo ».

XII

Osculo de amor

(COMUNHÃO)

« O' prodígio inaudito! O pobre servo e humilde come o seu Senhor » (1)

Notemos com alguém, meu irmão, que os pastores comem a carne das suas ovelhinhas; só Jesus, o Bom Pastor, se dá a comer às suas... (S. João Crisóstomo. — V Lição de Matinas do Dom.º dentro da Oitava de « Corpus Christi »).

Mais, « Quando assimilamos o alimento do corpo, convertemo-lo na nossa própria substância; ao passo que Cristo dá-se-nos como alimento para nos transformar nEle » (1). Cristo quer ser o princípio de tôda a actividade interior da nossa alma; quer operar nela. E se a alma se entrega docilmente a essa acção, Cristo passa a ser a vida da alma, e a alma transforma-se pouco a pouco nAquele a quem ama: *vivo ego jam non ego, vivit vero in me Christus*.

Ah! não sei como não andamos sempre de

(1) Do hino « *Sacris solemniis* ».

(2) D. Columba Marmion. — *Jesus Cristo, Vida da alma*, — pág. 297.

mãos postas! Que ao menos o coração esteja sempre pronto a erguer-se em acção de graças.

* * *

Quando da Purificação de Nossa Senhora, o velho Simeão tomou o Menino Jesus nos braços e exultou de alegria, ficou louco de contente.

E nós, que *todos os dias* O recebemos *no nosso coração*, quão tíbios somos e continuamos a ser!

Sim. Invejamos, com santa inveja, o Discípulo Amado, por êste se ter recostado no peito do Senhor...

E nós podemos tê-lo tantas vezes dentro do nosso...

* * *

Pensa bem, ó meu irmão, quão grande dignidade não é o hospedarmos na alma o Senhor de tôdas as coisas.

«Reconhece, ó cristão, a tua dignidade!», dizia o Papa S. Leão.

Deus mora nas nossas almas!

* * *

E' preciso notar que « não é unicamente para que O adoremos, para que O ofereçamos em satisfação infinita, que Cristo está presente no altar; não é sòmente para nos visitar que Ele vem; é para que O comamos, pois é alimento da alma, e pa-

ra que comendo-O tenhamos a vida da graça neste mundo e a vida da glória no outro» (1).

Mas não é só alimento da alma... «Sustenta também os corpos, e é um remédio salutar para os seus males» (2). E' assim que o sacerdote, antes da comunhão, pede que «a recepção da carne sagrada de Cristo seja um socôrro para a alma e para o corpo».



« **Vinde saborear, e vêde como é suave o Senhor!** »

Vinde todos: Ele é o pão da vida.

Então Ele dá-se, Ele, o Senhor, e vós não O quereis receber?

...As vossas faltas... eu sei. Mas a sua misericórdia é infinitamente maior do que elas (3).

E, depois, Ele conhece-as melhor do que vós e, apesar disso, e até porque as conhece, (4) é que Ele quer viver em vós... Ele quer unir-se intimamente a vós. Obedecei prontamente e não

(1) D. Marmion — o. c. pág. 293

(2) Santa Teresa de Jesus — citado *in*—*Jesus Cristo, Vida da alma*, pág. 300.

(3) P.^e Mateo Crawley — *Vers le Roi d'Amour* — pág. 76 e seguintes.

(4) «As tuas misérias é que atraem a Sua graça sobre ti. Onde não há miséria não há lugar para a misericórdia. De modo que as tuas misérias humildemente confessadas são o título que podes apresentar para alcançar a misericórdia divina». (D. I. Van Houtryve O. S. B. — *A Vida na Paz* trad. port., 2.^a ed., — pág. 160).

penseis no resto. Eu sei... o demónio tem interesse nessas falsas demonstrações de respeito... porque vos não quer unidos à Vida. Não o ouçais. Ouvi Aquele que vos chama. Obedecei com tôda a simplicidade ao convite do Senhor...

— Temor filial, sim, que nós somos umas pobres criaturas, cheios de pecados; mas temor servil, não, que ofenderemos a Bondade Infinita do Senhor; — Deus é Pai, e Pai amorosíssimo.

* * *

« O Verbo, na Incarnação, associou aos seus mistérios e à sua pessoa, por uma união mística, tôda a humanidade ».

✱ « Se Nosso Senhor quis tornar-se presente sob as espécies do pão e do vinho, foi para que O comêssemos. Ora, se procuramos saber porque é que Cristo instituiu êste Sacramento, sob a forma de alimento, veremos que foi, primeiro que tudo, para conservar em nós a vida divina e depois, para que, recebendo dêle essa vida sobrenatural, lhe fiquemos unidos » (1). Ora o Verbo Incarnado fêz sempre o que era do agrado do Pai celestial — *quae placita sunt ei facio semper*. De forma que ir à Mis-

(1) D. Columba Marmion, o. c. pág. 284 e 292.

sa e não comungar (1) é recusar-se a cumprir integralmente os desejos do Cristo e as esperanças do Pai do Céu.

« Nos primeiros tempos do cristianismo não faltava *um só* cristão à Sagrada Comunhão. E se, por vezes, algum não recebia em sua alma o doce Hóspede divino, é porque isso lhe era imposto como castigo por qualquer falta! Mais: « os diáconos, depois de distribuírem a todos os assistentes o pão, o vinho e a água consagrados levavam-nos aos ausentes: doentes, prisioneiros e mártires » (2).

Se os fiéis comungarem na Missa a que assistem, imitam e representam adequadamente o acto sagrado da Quinta-feira Santa.

Na última Ceia, Jesus uniu-se aos seus apóstolos pela participação no mesmo sacrifício: comeram do mesmo pão, beberam do mesmo cális, e deste modo ficou selada a união entre os discípulos e o Mestre.

Daqui se vê que Jesus quis que a divina Eu-

(1) O Concílio de Trento formulou este desejo: « O sagrado sínodo desejaria que os *fiéis presentes a cada Missa comungassem*, não só de desejo espiritual, mas *sacramentalmente* para que lhe pudesse ser comunicado um fruto mais abundante desse Santo Sacrifício ». (Sess. XIII — c. 6).

E na verdade, « sem esta compenetração continua do *sacrifício* e do *sacramento* no rito eucarístico, não se pode compreender bem o que seja a santa Missa ».

(2) S. Jerónimo — 1.^a Apolog. cap. 65 citado in « *Ma Messe* » de Grimaud. pág. 243.

caristia fôsse um sinal de unidade na Igreja, quer para unir os fiéis entre si, quer para os unir aos seus chefes hierárquicos. De sorte que a comunhão dos fiéis durante a Missa aproxima muito mais vivamente (1) esta união dos cristãos entre si e com os sacerdotes, do que a comunhão feita fora da assistência ao Santo Sacrifício.

E' certo que se faz — e é permitido fazer-se fora da Missa; mas só deve ser assim por excepção, e devemos então unir, *ao menos intencionalmente*, a comunhão à Santa Missa.

Pois quem não vê que, se separarmos habitualmente a comunhão da Missa, os fiéis se expõem a perder o sentido da significação plena da Hóstia, e que se privam da graça que se desprende dêste inefável espectáculo que é o exemplo de Cristo, que se oferece todos os dias nas nossas patenas, e

(1) « Importa que os fiéis tomem parte no Sacrifício, oferecendo-se, ao menos espiritualmente, ao Ofertório e quanto possível comungando sacramentalmente, depois da Comunhão do celebrante. Disse *quanto possível*, e compreende-se a razão. E' que, se é para desejar que os fiéis comunhem neste momento, não só «para prestígio da Liturgia», mas também para participarem mais intimamente do Sacrifício e aproveitarem a preparação e acção de graças que a Igreja impõe ao celebrante, seria para lastimar que, por uma espécie de rigorismo farisaico, os fiéis, que às vezes não podem comungar no momento litúrgico, fôsem privados, fora da Missa, da comunhão que a Santa Igreja aconselha que se receba *diariamente* ». P.^o António Coelho — « *O que é a Liturgia?* » — pág. 47.

que nos convida a unir-nos a Ele e a consumir nEle a nossa oblação? (1)

Preparação para a comunhão. — Sua necessidade

E' certo que os sacramentos produzem por si o fruto para o qual fôram instituídos, mas com a condição de que nenhum obstáculo se oponha à sua acção — *non ponentibus obicem*.

Ora, da parte de Cristo não pode haver obstáculo, pois « nEle estão todos os tesouros da divindade » e Ele deseja infinitamente comunicar-no-los dando-se a nós; veio para nos dar a vida e quiere no-la dar com abundância.

O obstáculo está pois em nós.

Tudo o que se opõe à vida sobrenatural e à união, é um obstáculo à recepção e ao fruto da Eucaristia.

Por conseguinte é preciso primeiro que tudo que estejamos em estado de graça. « *O estado de graça e a recta intenção* de recebermos os frutos do sacramento são as únicas disposições requeridas para nos aproximarmos da Mesa Santa ». Foi o que decretou o grande pontífice Pio X, num documento memorável sôbre a comunhão frequente (2).

(1) D. Idesbald Ryelandt — *Pour mieux communier*, pág. 21, 31 e 32.

(2) D. Marmion. — *Jesus Cristo, Vida da alma*, pág. 301 e seguintes — donde extraímos estas notas.

Preparação remota: — « *dispositio unionis* »

Há uma *disposição geral* muito importante, que resulta da natureza da união, e que serve admiravelmente de preparação para a nossa união com Jesus Cristo, e, sobretudo, para a perfeição dessa união: é a entrega *total*, muitas vezes repetida, de *nós mesmos a Jesus Cristo*.

Esta entrega de nós próprios ao Verbo Encarnado começou no baptismo. Foi aí que, pela graça, começamos a assemelhar-nos a Deus, a ficar unidos a Ele. Ora, quanto mais permanecermos nesta disposição primordial de morte para o pecado e vida para Deus, tanto mais bem preparados estaremos de longe para receber a abundância da graça eucarística.

* * *

Mas... ¿que é o que impede a perfeição da união?

São os maus hábitos conhecidos e não reprovados; os apegos voluntários a nós mesmos ou à criatura.

Isto é verdade *sobretudo* no que diz respeito às faltas *deliberadas* ou habituais contra a caridade com o próximo.

«É certo que as nossas disposições *não causam* a graça do sacramento (pois os sacramentos operam «*ex opere operato*»); fazem apenas dar-lhe livre curso, levantando os obstáculos. Mas

devemos abrir os nossos corações, tão largamente quanto possível, à efusão do dom divino.

E' portanto uma excelente *disposição* o procurar não recusar *nada* a Cristo.

E' que a Eucaristia é o sacramento da união, conforme o indica a palavra *comunhão*,

Mas unir é fazer de duas coisas uma só. Ora a comunhão representa o sacrifício do altar, e, por conseguinte, a imolação da cruz. Quere dizer: Cristo na comunhão faz-nos participar da sua condição de *vítima*.

E' preciso pois que nos assemelhemos a Cristo-vítima. Uma alma assim disposta para a união, disposta a entregar-se *sem reservas*, não põe obstáculos; e, se Deus não os encontrar, opera nela maravilhas de santidade.

A falta desta — *dispositio unionis* — disposição para a união é que faz com que muitas almas pouco ou nada adiantem na perfeição, apesar das suas frequentes comunhões.

* * *

Ora, sendo esta disposição um bem tão grande, devemos pedir *instantemente* ao Senhor que nos ajude a adquiri-la e a conservá-la. «Pedi e recebereis».

Peçamos pois com o sacerdote: «Senhor, purificai, com a Vossa visita, as nossas consciências, para que, quando Nosso Senhor Jesus Cristo Vosso

Filho vier às nossas almas, encontre uma mansão preparada para O receber».

Preparação próxima (1)

A' cerimónia do ósculo de Paz seguem-se imediatamente as duas orações (*Domine Jesu Christe...* e *Perceptio...*) que servem de preparação para a comunhão.

São pessoais e recitadas pelo sacerdote reverentemente inclinado e com os olhos postos na Hóstia sacrossanta à qual as ditas orações se dirigem.

O sacerdote supplica a Jesus-Hóstia que o livre de todos os pecados e de tôda a sorte de males, e que nunca permita que se aparte dos seus mandamentos, *nem se separe jamais dEle*.

Sim, pobres de nós se O perdemos!

¿Pois como há-de um cego andar nas trevas? A fidelidade de cada dia é o meio de alcançarmos a perseverança final. Pela *virtude* da perseverança chegaremos ao *dom* da perseverança final (2).

(1) Rigorosamente a preparação «próxima» começa no «Pater noster». Aqui trata-se mais pròpriamente da preparação «imediata».

(2) A *perseverança* é a virtude que consuma e coroa as outras tôdas.

Mas é preciso distinguir esta *virtude* do *dom* de perseverança final, que nos faz «morrer no Senhor»: êste *dom* é puramente gratuito, e «ninguém, diz o Concílio de Tren-

Ah! o dom inestimável, o dom inegalável da *perseverança final!* . . . E há tantas almas que perdem esta boa ocasião de a pedir ao Senhor! . . .

* * *

Depois, o sacerdote, convencido mais que nunca da sua indignidade, pede humildemente ao Senhor que essa comunhão não seja causa de juízo e condenação; mas que, pela sua bondade, lhe sirva de defesa para a alma e para o corpo e de remédio salutar. . . ; Porque não havemos de recitar com o sacerdote (1) estas orações tão belas, em especial se comungamos sacramentalmente, como é de de-

to, pode, de certeza absoluta, estar seguro de que lhe será concedido» (Sess. VI, c. 13).

Todavia, ajunta o S. Concílio, «devemos ter e conservar a mais viva confiança no socorro de Deus, porque Deus é todo poderoso para acabar em nós o bem que em nós começou, a não ser que nós próprios sejamos infiéis à graça». (Ibid.).

Por conseguinte: o *meio* que nos é dado para que possamos contar com êste dom infinitamente precioso, o dom por excelência, é a *fidelidade quotidiana*; e a grande obra da nossa vida seguirá bem e chegará ao seu termo, se fizermos bem e bem acabarmos cada uma das obras que empreendemos por Deus: ora é êste o objecto da *virtude* de perseverança. D. Marmion — *Le Christ idéal du moine* — pag. 189 e 190.

(1) «E' essa, quanto possível, a melhor maneira de nos prepararmos imediatamente para receber a Jesus. . . A alma une-se mais directamente ao sacrifício de Cristo e às intenções do seu sagrado Coração». No entanto, «as ne-

sejar, nessa ocasião, pois elas nos disporão, melhor que quaisquer outras, para a recepção da Sagrada Eucaristia ?

* * *

Não nos apeguemos, pois, à vaidade, ao amor próprio, à susceptibilidade . . .

Morrámos por nós mesmos.

Mais: — orientemos todos os dias, por um acto explícito, actual, tôdas as acções para a comunhão. E' esta uma excelente prática.

S. Francisco de Sales, quando se ordenou, tomou a resolução de fazer de todos os instantes de cada dia uma preparação para o sacrifício eucarístico do dia seguinte, de modo a poder responder com verdade, se lhe perguntassem em qualquer momento o que estava a fazer: — « Estou-me preparando para celebrar » (1),

cessidades, bem como as aptidões de cada alma variam infinitamente. . . não se podem pois fixar « fórmulas » *exclusivas* para auxiliar a preparação imediata. . . » (D. Marmion — *Jesus Cristo, vida da alma*, pág. 134).

— « . . . E' mister não esquecer que o Espírito Santo sopra onde quere, e que, portanto, a piedade reveste formas variadíssimas, ainda na mesma pessoa. E assim, o que a uns inspira devoção, a outros distrai ou embaraça e, numa mesma pessoa, a prática religiosa que outrora a fazia adiantar na união com Deus, agora a pode reter num estado de aridez e esterilidade ». (P.^e António Coelho — *O que é a Liturgia?* pag. 67).

(1) Hamon — citado in *J. C. vida da alma* — pág. 307.

* * *

Preparação para a comunhão !

Ah ! «quão poucos são os que sentem (1) em si os efeitos dêste sacro convívio ! ; E porquê ? Porque poucos são os que se dispõem convenientemente para os receber ; porque poucos são os que pensam a sério que se vão aproximar do Santo dos Santos, do Altar de Deus, do próprio Deus !... » (2).

Para longe os cuidados dêste mundo !

Levemos dêle sòmente as intenções santas pelas quais estamos encarregados de pedir. Preparação interior, sim, sobretudo. Mas não desprezemos a exterior ; asseio na nossa própria pessoa e nas coisas da Igreja ; atitude grave e modesta ; fidelidade às mais pequenas minúcias, não por escrúpulo, mas *por amor*. Lembremo-nos de que « nada é pequeno nas assembleias do nosso Deus e de que a mais pequenina cerimónia tem a seus divinos olhos um valor preciosíssimo ».

* * *

Cristo é hóstia ! Sejamos hóstia com Ele. Procuremos não Lhe recusar nada. Não ponhamos obstáculos à acção santificadora de Deus.

(1) Vêr mais adiante — *Efeitos da comunhão* — o que se diz àcerca de sentir a doçura da presença do Senhor.

(2) Cardial Bona — *De celebratione missae* — cap. v — citado no II vol. do *Prêtre et Hostie* — de Giraud.

* * *

Senhor, eu não sou digno...

Ah! ; mas quem será digno de tão grande mercê?... « Senhor, livrai-me dos meus pecados ocultos e perdoai ao vosso servo os alheios... »

« Senhor, se observasseis tôdas as nossas iniquidades quem se sustentaria na vossa presença » ?

Ah! pobre de quem ousa comparecer no banquete sem o vestido nupcial!...

... De resto, o Senhor não se nos dá em recompensa de pretensos méritos...

Ele é o Pão da vida, de que a nossa alma carece, a pobrezita: — *Caro mea vere est cibus*...

E ela abeira-se dEle como o enfêrmo do médico que lhe restitui a saúde e a vida; como o imundo, da fonte de misericórdia; como o cego, da luz de claridade eterna; como o pobre e humilde, do Senhor do céu e da terra... (1)

* * *

Indignidade!...

Deixemos falar êsse mavioso « arauto do amor divino », Santa Gertrudes, em cujos escritos as almas sedentas de vida interior poderão haurir preciosos ensinamentos. Certa manhã, enquanto se preparava para a comunhão, a poucos momentos já do instante designado, começou neste solilóquio:

(1) Oração de S. Tomás de Aquino — Breviário — *Præparatio ad Missam*.

— « O Senhor chama-te, alma minha, e como é que tu hás de atrever-te a sair-lhe ao encontro sem estares adornada com os méritos indispensáveis àqueles que O querem receber? »

E o espírito da nossa monja beneditina, ao ver a sua própria indignidade, começou a toldar-se de desconfiança nas suas obras. Mas foi coisa dum instante apenas; não foi mais que um movimento ligeiro... que logo, na sua alma, a vaga alterosa da confiança a dilatou e inundou de tal sorte que se abandonou sem sombra de temor nas mãos do Infinito Amor e exclamou:

— « Mas... ¿de que me valeria esperar? Ainda que eu gastasse milhares e milhares de anos a preparar-me, não o estaria nunca bastantemente, porque, em verdade, não há em mim nada que me possa garantir a conveniência das minhas disposições.

« Por conseguinte vou ter com o meu Deus, vou-me dirigir ao Altar, cheia de fé e de humildade; e logo que o meu Senhor me divise ao longe, sentir-se-á coagido pelo seu amor a enviar-me os bens que me são necessários para O acolher como eu desejo e lhe convém » (1).

E depois... (é o Verbo de Deus que fala com a nossa monja) — « quanto mais indigno dos favo-

(1) Sainte Gertrude — *Sa vie intérieure* — pág. 77. Abbaye de Maredsous — Bélgica. Há em português *A Vida de Santa Gertrudes*, do P.^e Alves Ferreira, O. S. B., colecção «Opus Dei», Braga.

res do Céu fôr aquele para o qual o Verbo de Deus amorosamente se inclina, tanto mais triunfante é o cântico com que as criaturas exaltam a misericórdia do Senhor».

— « Mas objectou a monja humilde, quem, à vista da sua indignidade, temer nutrir-se do Vosso Corpo Puríssimo, dá testemunho do seu respeito por um Sacramento tão augusto» . . .

E Cristo respondeu logo :

« Minha filha, aquele que me receber com a intenção que te disse — e que é o desejo da minha glória —, não poderá nunca faltar à reverência que me é devida».

Mas Cristo disse mais ainda para afugentar certa timidez . . .

— « Tõda a minha delícia é estar com os filhos dos homens; foi por isso que eu institui este memorial do meu amor, para que elles se lembrem de mim sem que se deixem distrair. E depois, prometi estar sob estas fracas Aparências, junto dos meus fiéis, até à consumação dos séculos. Portanto, quem quer que afaste da mesa Eucaristica uma alma em estado de graça, paralisa ou, pelo menos, suspende a felicidade que eu teria saboreado neste coração puro» . . . (1)

* * *

Senhor, eu não sou digno! . . .

(1) Ibidem — págs. 83 e 85.

Não andes para aí a dizer: eu não valho nada; eu sou um miserável...

Olha que se um dia alguém acreditasse à letra nas tuas palavras... não sei se te sucederia o que sucedeu a uma devota senhora a quem S. Francisco de Sales propositadamente tratou como se ela fôsse o que com falsa humildade dizia ser... — talvez não levasses a bem...

A humildade não sabe que é humilde, oculta-se a si mesma, e portanto não diz, não pode dizer que o é.

Pensar que se é humilde, é uma falta de humildade... (1)

« Importa sobretudo, diz Dom van Houtryve, que não julgues ter atingido já a humildade, pois somente o crê-lo é indício bastante de que a não possuis ainda » (2).

* * *

(1) « Não classifico de humildade esse criminoso conjunto de palavras e gestos, inclinações e reverências, esse hipócrita beijo no chão, que nem de longe traduz a própria abjecção e o justo amor do próximo; isso, muitas vezes, não passa dum vão hábito dos espíritos fracos, ou melhor: fantasmas da verdadeira humildade.

«... Aquela humildade nobre, real, delicada, sólida, que nos torna brandos na correcção, submissos e prontos na obediência... » essa é que é um grande tesouro. (S. Francisco de Sales — *Trat. do Amor de Deus* — Liv. VII. cap. 13).

(2) *A Vida na Paz* — trad. port., pág. 156.

— « Dizemos inúmeras vezes que não somos nada, que somos só miséria e abjecção.

« Mas... ficaríamos bem zangados, se nos tomassem o dito à letra e se nos julgassem e proclamassem tais aos quatro ventos...

« Não nos iludamos. Fingimos que fugimos e que nos escondemos... sempre na esperança de que nos encontrem.

« Procedemos como se na verdade quiséssemos ser os últimos de todos, e vamo-nos sentar no lugar mais humilde da mesa do banquete... com o íntimo e mais vivo (embora bem oculto) desejo... de que nos vão buscar e nos levem para o lugar de honra »...

— E' o que diz algures — S. Francisco de Sales.

* * *

Também tu, meu irmão, desejas ardentemente que o Verbo divino se una a ti! Mas olha: se o teu desejo é *realmente* ardente, *deve ser eficaz*, deve levar-te a destruir em ti tudo quanto se opo-nha a essa união. Doutro modo será um falso desejo como o daqueles espíritos « que acham admirável — e é-o de facto — o que elles chamam o « *lado positivo* » da vida espiritual, isto é, o amor, a oração, a contemplação, a união com Deus; mas que esquecem que tudo isto não oferece condições de segurança senão numa alma inteiramente purificada do pecado, dos hábitos viciosos, e que tende:

sem cessar para uma vida cheia de generosa vigi-
lância; que procura ininterruptamente enfraquecer
dentro de si as origens do pecado e da imperfeição».

Está bom de ver que « é bem frágil o edifício
espiritual que não assenta sôbre a fuga constante
do pecado, porque é construído sôbre a areia » (1).

* * *

« Jesus é o nosso melhor amigo! » ...

O' meu irmão, é preciso que te habitues a
dizer a Jesus, com a confiança e a simplicidade
duma criança, tudo quanto te fôr no coração: ale-
grias e tristezas; dúvidas e entusiasmos; fervores
e securas interiores; numa palavra: tudo.

Vai ter com Ele e diz-lhe tudo, uma e muitas
vezes...

¿ Pois não diz o Salmista: « Derramai na sua
presença o vosso coração » ?

Se soubesses como Ele gosta de ouvir as nos-
sas confidências!...

E' certo que Ele as conhece muito bem, por-
que perscruta o íntimo dos corações e nada lhe é
oculto. Mas quer que lhas digas, que O procures,
que O desejes...

E olha: se tu vais ter com os teus amigos
para desabafares com êles e dizer-lhes os segredos
do teu coração, que êles talvez não compreendam

(1) D. Columba Marmion — *Le Christ, idéal du moine* — pag. 198.

muito bem, e por vezes irão irreflectida ou reflectidamente atraindo (e quem sabe se escarnecer!) ¿porque não hás de ir ter com Jesus que é o nosso melhor amigo?

¿Porque não hás de dizer-lhe todos os teus trabalhos e aflições?

Une-as às que o Senhor sofreu cá na terra; abandona-te a Ele, certo de que aceitará êsses sacrificios em expiação das tuas faltas. Lembra-te que «de Jesus brota uma virtude que cura tôdas as feridas» . . .

* * *

Há mesmo coisas que convém sejam ditas só a Ele e a quem o representa na terra e tem a direcção da tua alma. Não quiere isto dizer que não possas abrir uma ou outra vez o teu coração a algum amigo discreto e leal (1). Também o Senhor confiou aos seus Apóstolos as angústias do seu coração quando a sua alma estava triste até à morte. Podes, pois, abrir o teu coração logo que no fundo da tua alma, no supremo e mais delicado extremo do espírito, faças um acto de consentimento, de complacência e de abandôno.

O que porém não deves é andar a mendigar

(1) Vale a pena meditar o pensamento n.º 121 da pág. 61 de *O Segredo do Claustro* — tradução portuguesa de parte do *Une âme bénédictine* — D. Pie d'Hemptinne — Abbaye de Maredsous.

às criaturas o que elas não podem dar. Isto enfraquece muito o coração (1).

Efeitos da Comunhão (2)

E' de notar que « a ignorância de muitos, a sua pouca clareza de vistas sôbre a profundeza da acção dêste sacramento e sôbre os acréscimos divinos que êle confere, os leva muitas vezes a julgar menos frutuosa uma comunhão só porque a sua sensibilidade não foi interessada ou movida durante o tempo da acção de graças. Esquecem que « a Eucaristia é um mistério de fé, não sòmente no que toca à presença real de Nosso Senhor escondido sob o véu da hóstia, mas também no que diz respeito à realização dos efeitos do sacramento no fundo da nossa alma ».

Mistério de fé! Cada comunhão bem feita aproxima-nos mais do nosso modelo; faz-nos penetrar mais intimamente no conhecimento, no amor e na prática do mistério da nossa predestinação e da nossa adopção em Jesus Cristo, nosso irmão mais velho; aperfeiçoa em nós a graça da filiação divina.

Este pensamento é tão importante que quero in-

(1) D. Marmion — *Le Christ, idéal du moine* — pág. 518.

(2) Notas extraídas do precioso opúsculo de D. I. Ryelandt O. S. B. — *Pour mieux communier*. Abbaye de Maredsous, Namur, Bélgica.

sistir nele. Tôda a nossa santidade está na participação, pela graça, da filiação divina de Jesus Cristo; em sermos, pela adopção sobrenatural, o que Cristo é por natureza. Quanto mais íntima fôr essa participação, tanto mais elevada é a nossa santidade. Ora, ¿ que é que nos dá essa participação, que é que nos faz filhos de Deus? S. João no-lo diz: é a fé com a qual recebemos a Cristo, princípio e fonte de tôda a graça (Joan. 1. 12). — Portanto, quanto mais profunda fôr a nossa fé quando recebemos Jesus Cristo, mais Cristo nos comunica o que êle tem de mais elevado, a sua qualidade de Filho de Deus; por conseguinte maior é a medida da nossa participação da sua filiação divina.

Ora, não há acção em que a nossa fé se possa exercer com mais intensidade do que na comunhão; não há tributo de fé mais sublime do que o de crer em Cristo cuja divindade e humanidade estão ocultas sob as aparências da hóstia (1).

* * *

O primeiro efeito da Eucaristia é o *aumento da graça santificante e da caridade habitual*. O crescimento da graça santificante faz-se em silêncio, por efeito do sacramento.

A êste primeiro efeito, que consiste na intensificação e manutenção em nós da vida divina,

(1) D. Columba Marmion — *Jesus Cristo, Vida da alma*, pág. 312 e ss.

vem-se ajuntar outro ; o poder que a Eucaristia tem de dar ao comungante um *penhor de vida eterna*.

O segundo efeito é *despertar o amor e mantê-lo em acto*. E isto porque o fim especial do sacramento da Eucaristia é unir espiritual mas realmente o cristão a Cristo e a Deus.

E como o amor vive de união, é excitado, pôsto em acto por meio da recepção da Sagrada Eucaristia, « é preciso que o homem se una a Deus por meio de actos humanos espontâneos e conscientes. Ora o nosso esforço de adesão a Deus não deve consistir sòmente em actos de amor *afectivo*, tais como a complacência na posse d'Aquele que amamos, mas deve ter um alcance mais concreto e mais prático : — a correcção de tal defeito ; o perdão ou reparação de tal injúria feita ; a aceitação de tal cruz ».

* * *

Outro efeito da Eucaristia é a *alegria espiritual* : — o Pão celestial contém em si todos os deleites.

E' certo que a consolação interior nem sempre é igualmente sentida por todos os fiéis, pois todos sabem que nos sentimos muitas vezes áridos, embora não por culpa nossa, e nem por isso a comunhão é menos frutuosa.

¿ Como se deve, pois, entender êste dom da alegria espiritual ?

E' que, como diz um doutor escolástico da idade média, « se nem sempre *sentimos* a doçura da presença do Senhor *podemos todavia saboreá-la por meio da compreensão da imensa utilidade do sacramento* ».

Deus pode comunicar-nos a inteligência da importância do sacramento; e, ao apreciarmos o dom divino, retiraremos duma comunhão árida um reconforto e uma felicidade profundas.

Não esqueçamos, por fim, que a Eucaristia nos *preserva a alma e o corpo*.

* * *

Comunguemos pois, *quanto possível*, na Santa Missa.

Comunguemos frequente, diàriamente.

Comunguemos com a certeza de que « a presença de Cristo na nossa alma é essencialmente vivificadora, não só enquanto vivifica os mais profundos recantos do nosso ser, mas também enquanto desperta o movimento unitivo da nossa caridade ».

E não esqueçamos que « *o verdadeiro fruto da Eucaristia é a identificação de nós mesmos, pela fé e pelo amor, com Cristo* » (1).

* * *

« *E' preciso que lá fora saibas a Jesus* »,
O' meu irmão que acabas de comungar!

(1) D. Marmion — *Jesus Cristo, Vida da alma*, pág. 317.

Se bem receberdes o corpo de Cristo, diz admiravelmente Santo Agostinho, sereis o que receberdes.

E' que «aquele que diz permanecer em Cristo deve viver como o próprio Cristo viveu». (S. João II, 6).

* * *

Comungar! Comunhão de pensamentos e de sentimentos... Paixão e Crucifixão primeiro; Ascensão e Glória depois.

Assim nós: exílio e sofrimento primeiro; só depois a bemaventurança prometida. A cruz é o caminho para a luz. «A via dolorosa é o caminho do céu».

Ah! não busques só a suavidade do doce convívio; não a encontrarás verdadeira, duradoira, senão depois de bem esgotado o cális...

* * *

«E' preciso que lá fora saibas a Jesus...»

Sim, ó meu irmão, evitando sobretudo as faltas de caridade, que proveem quási sempre de não vivermos esta grande verdade, a saber: quem ofende dalgum modo o seu próximo, ofende o próprio Jesus. E não vemos a Jesus no nosso próximo é uma falta de fé. Se estivéssemos bem banhados deste espírito de fé, quantas faltas evitaríamos, quanto melhor respeitaríamos êsse templo do Se-

nhor que é a nossa alma e a alma dos nossos irmãos!... (1)

Oh! a excelência das almas, em que o Senhor habita, em que o Senhor prolonga o Seu Sacrifício, a sua Paixão dolorosa!

* * *

¿ Tens muitos desejos de te unires ao Divino Espôso? Então repara que quando uma alma falta assim à caridade e recebe a Cristo na comunhão, não Lhe poderá dizer: « Meu Jesus, amo-vos de todo o meu coração ». Seria uma mentira, porquanto não envolveria no mesmo amor o Cristo e os seus membros. Esta alma não aceita na sua totalidade o mistério da Incarnação, fica-se na humanidade individual do Cristo, e esquece êsse prolongamento espiritual da Incarnação, que é o Corpo Místico do Cristo. De modo que, quando comungarmos, devemos estar prontos a abraçar na mesma caridade a Cristo e a tudo o que Lhe está unido; porque — re-

(1) A alma está de tal maneira unida ao corpo; há entre êstes dois elementos uma unidade tão substancial, que a comunhão, ao mesmo tempo que eleva a alma para os cumes do amor divino, abrandando os ardores da concupiscência, faz perder o gôsto das alegrias sensíveis e vãs. A Igreja pede várias vezes nas suas post-comunhões « que o alimento sagrado produza em nós o desprezo dos prazeres terrestres e o amor dos bens celestiais ».

(D. Marmion — *Sponsa Verbi* — « A Virgem consagrada ao Senhor » — página 67, — Edição da « Opus Dei » Braga).

para bem ! — *a medida em que Jesus se dá às nossas almas é aquela em que nos damos aos nossos irmãos !*

* * *

Caridade !

Mas ela pode revestir tantas *formas* ! (1)

Compreendeu-o admiravelmente *Isabel Leseur*: — « O fanatismo, escreveu ela algures, inspira-me um invencível horror e não posso compreender como êle se alie a uma convicção sincera. Quem ama apaixonadamente o cristianismo e que deseja vê-lo reinar sôbre as almas, ¿ como é que, para êste fim, pode servir-se doutras armas que não sejam as de persuadir ? ¿ Quantos actos de fanatismo se praticam sem dar por isso ?

« A' falta de orgulho pessoal, temos o orgulho da fé, o mais pérfido de todos. Desprezamos, com uma admirável serenidade de consciência, todos os que não teem as nossas crenças e mal nos julgamos obrigados a exercer com êles a grande lei da caridade.

« Um Judeu, um protestante, um ateu, não são para nós irmãos, irmãos profundamente amados e dignos do nosso sacrifício e do nosso amor. Parece que contra êles tudo é permitido, até mesmo a calúnia ; dir-se-ia que a nossa intenção é ofendê-los em vez de os convencer ».

(1) Doutor José Beleza dos Santos — Alguns aspectos da miséria e algumas formas da caridade. — Coimbra, 1927.

* * *

« Como a caridade é a rainha das virtudes, diz alguém, até a verdade tem de seguir a sua direcção. E se é caridade corrigir os que erram, nem sempre o é exacerbar inutilmente feridas abertas ».

— « Não digo que seja necessário ocultar a verdade, diz Dom van Houtryve; o que porém nunca se deve é separar a verdade da caridade; mais valeria então não dizer a verdade » (1).

Ah! isto é altamente importante, pois podemos ter muitos dotes, muitas virtudes, mas tudo isto não vale *nada* — é S. Paulo que o diz! — sem a caridade. *Nada!* — notemos bem.

* * *

Dissemos que « a medida em que Jesus se dá às nossas almas é aquela em que nos damos aos nossos irmãos »!

Isto quanto a esta vida.

¿ E na outra ?

Repara: « Gozaremos de Deus na medida que a graça tiver atingido em nós, no momento de deixarmos este mundo » (I Cor. III, 8).

« Não percamos de vista esta verdade:—o grau da nossa beatitude eterna é, e ficará fixado para sempre, pelo *grau de caridade* a que tivermos che-

(1) D. I. Van Houtryve — *A Vida na Paz*, pág. 94 da trad. portuguesa 2.^a ed.

gado com a graça de Cristo, quando Deus nos chamar.

« Cada momento da nossa vida é pois infinitamente precioso porque é suficiente para adiantarmos um ponto no amor de Deus, para nos elevarmos ainda mais na beatitude eterna.

« E não digamos: pouco importa um grau mais ou menos. ¿ Acaso é pouco, importa pouco, quando se trata de Deus, duma felicidade e duma vida sem fim, cuja fonte é o próprio Deus?

« Não recebemos os talentos para os enterrarmos, mas para os fazer frutificar » (1).

* * *

Ah! meu irmão, evita sempre o rancor. Não guardes ódio a ninguém. « Reconcilia-te, antes do pôr do sol, com esse irmão que te ofendeu » (2).

* * *

Por Deus não digas: perdoar as ofensas é uma fraqueza! Repara bem nesta oração:

— « O' Deus que manifestais *principalmente* — *maxime* — a Vossa *Omnipotência* perdoadando e compadecendo-vos . . . » etc. (3)

¶ (1) D. Marmion — *Jesus Cristo, Vida da alma* — pag. 418.

(2) Regra de S. Bento — Cap. IV.

(3) Oração da Dom.^a X depois de Pentecostes.

* * *

*« Deus é uma comunhão perpétua
para a alma que faz a sua vontade »*

S. Vicente de Paulo.

— Olha, meu irmão, logo que a vontade de Deus se manifesta em sentido contrário àquele em que caminhavas a bom caminhar e em que punhas todo o teu esforço, e talvez o coração todo, deixa o antigo e segue o novo caminho, com o contentamento que te dará a certeza de que a vontade de Deus é sempre o melhor para nós. E como não há distinção entre a vontade de Deus e Deus mesmo, cumprir essa vontade sacrossanta é comungar...

* * *

Quantas vezes, depois de muitos esforços e de enormes desejos de sermos bons, obedientes e observantes; e de estarmos convencidos de que pomos tudo da nossa parte (tanto quanto nos é possível, na nossa fraqueza e baixeza)... Nosso Senhor não se nos mostra de nenhum modo, antes pelo contrário, tudo é frio e árido e nos atormenta e como que nos persegue!...

E a nossa alma sente uma turbção e aflição como a que sente quem tem uma sede enorme e a língua se lhe prende à bôca ressequida...

Então, só a suprema e mais delicada extremidade do espírito permanece unida à vontade de

Deus, mas em meio de tal perturbação que mal se apercebe que a realiza: «ou então, mesmo quando se apercebe dessa união, ela lhe parece tão débil e tão contrariada que, a seu ver, resultará infrutífera; porque o que então se realiza pelo agrado divino, é feito não só sem iniciativa nem prazer, mas contra todo o nosso desejo e satisfação do resto da nossa alma» . . .

«Esse consentimento não nos é terno, nem grato, e até se apresenta pouco sensível, pôsto que seja verdadeiro, forte, indomável e altamente amoroso». Mas olha «que, quanto mais desamparado de socôrro estiver o amor, e abandonado da assistência das virtudes e faculdades da alma, tanto mais valor tem a sua constância em se conservar fiel».

E assim o «recebermos com paciência e tranquilamente e até com gôsto as tribulações e os tormentos *em consideração à vontade divina que os envia*, é mais agradável a Deus do que o são as aflições voluntárias do corpo e do espírito» (2).

* * *

Sim, dizes tu, eu ponho todo o meu esforço em progredir na virtude e não vejo o fruto do meu trabalho. . .

Olha, meu irmão: ¿conheces que a culpa é

(1) S. Francisco de Sales — *Tratado do Amor de Deus* — (Liv. IX).

tua? Humilha-te, pede perdão ao Senhor e toma a firme resolução de te emendares. Mas não te entristeças nem te perturbes nunca. ¿ Ouviste?

Faze um propósito de emenda firme, sim, mas tranquilo.

Se a culpa não é tua, se tens a consciência de que fizeste tudo quanto estava na tua mão para adiantares na virtude, e não vês progresso nenhum, então reconhece que *o frutificar* só pertence ao Senhor. Espera-o d'Ele.

Põe-te nas suas mãos com a confiança cega com que outrora te entregavas nos braços da tua mãe. Repito: não te perturbes nunca.

— Há ocasiões, na verdade, em que é difícil não nos afligirmos e inquietarmos.

¿ Pois não fazemos tantos propósitos bem sinceros e firmes de não cometermos tal ou tal falta, e não nos sentimos tão frequentes vezes assaltados pelos primeiros movimentos dessa paixão?

Mas olha: se então nos inquietamos, é porque não reparamos que êsses assaltos são apenas tentação e não são ainda pecado:—aquela dá-se com o sentir, êste só com o consentir. Afinal é o nosso amor-próprio que nos causa essa inquietação reprovável:—é que êle queria-nos isentos de trabalhos.

S. Paulo sentia-se rudemente espicaçado pelo *agulhão da carne*—êle que fôra objecto dos mais altos dons celestiais!—e pedia ao Senhor que o livrasse dêle. O Senhor porém respondeu-lhe:

« Paulo, a minha graça te basta, porque a minha força aperfeiçoa-se na enfermidade ».

Recorre como S. Paulo à grande arma da oração, para o combate dessas tentações, e « nota que, se Nosso Senhor permite essas crueis revoltas no homem, não é para o castigar dalgum peccado, mas para manifestar a força e virtude da assistência e graça divinas.

« E nota, enfim, que não só nos não devemos inquietar com as atenções e fraquezas, como até nos devemos gloriar por elas se nos depararem, para se manifestar em nós a *virtude* de Deus, a amparar a nossa fraqueza contra os esforços da sugestão e das tentações.

«... A Igreja condenou o êrro dalguns solitários que diziam que neste mundo podiam viver perfeitamente isentos das paixões da ira, da cobiça, do temor e de outras semelhantes » (1).

* * *

« *Suporta o Senhor* » !...

Aceita tudo, absolutamente tudo, o que êle quiser de ti.

Quantas vezes Ele faz aos seus predilectos o mimo de os perseguir com o seu amor, de assemelhar a sua vida à sua Paixão dolorosa, de os fazer

(1) S. Francisco de Sales, — o. c., Liv. IX — Cap. VII.

hóstias como Ele! E' que « a principal virtude do amor é fazer sofrer o Amante pela coisa amada »,

Há almas a quem Ele pede sem conta nem medida. Uma santa alma dos nossos tempos declara — e por experiência própria! — que « quando o Amor penetra numa alma generosa lhe pede tudo, agora uma coisa, depois outra, e outra, até a aniquilar completamente! Essa alma sente então a sua impotência absoluta, mas começa a sentir-se forte em Deus (1).

Umaz vezes é Ele quem escolhe essas hóstias, sem que elas pensem em tal. Outras, não faz mais do que aceitar *à letra* a oferta que se lhe fêz, numa hora solene da vida...

E nós somos tão fracos que, mesmo quando fazemos os nossos votos a Deus como devemos, pretendemos fugir na hora difícil em que o Senhor nos pede um pouco que seja do prometido!... E' bem certo que « cada um de nós pensa poder beber com o Senhor o cális da amargura; mas quando êste de facto se nos apresenta, então esquivamo-nos e fugimos ».

E' que « as coisas representadas dum modo geral produzem no nosso espírito uma impressão mais forte e ferem a imaginação dum modo mais sensível.

« ... Por isso é que na oração particular de-

(1) D. Pio d' Hemptinne O. S. B. — *O Segredo do Claustro* — Colecção « Opus Dei » — Braga.

vemos, depois dos affectos gerais, tomar resoluções particulares » (1).

* * *

Diz uma santa que é sinal certo de amor o querer sofrer e padecer.

E' que no amor das tribulações não há nada amável, nada, a não ser a vontade divina.

S. Paulo inflamado do mais puro amor, exclamava : « não me glorio senão na cruz, nas enfermidades e nas perseguições ! »

* * *

Muitas vezes Deus esconde-se... e aí andamos nós como ceguinhos a tactear ou como criança a que a mãe largou a mão da sua mãozita, com que a amparava nos seus primeiros passos...

A's vezes, meu irmão, é culpa nossa : — faltas de caridade, talvez frequentes, que a nossos olhos se nos afiguram pequenos nada, que o nosso amor-próprio se encarrega de justificar o melhor que pode, mas que são faltas reais, tanto mais graves quanto mais perto estamos do Senhor.

E Ele então queixa-se : « *Feriste-me com um cabelo da tua cabeça...* » Porque ferir um dos seus membros é feri-lo a Ele...

Mas « muitas vezes afasta-se Deus para que

(1) S. Francisco de Sales—o. c.—Liv. VIII, Cap. IV.

te mantendas na humildade que convém à tua fraqueza; para que não desprezes os outros e O dejes mais vivamente a Ele; para que ores mais fervorosamente e tendas mais perseverantemente para a cidade eterna onde O gozarás por todo o sempre » (1).

* * *

— Há alguns que amam a Deus, enquanto Ele lhes dá consolações sensíveis, e que já não são os mesmos nos momentos em que Ele parece afastar-se...

Esses tais « deixariam o amor e libariam a suavidade, se acaso a suavidade pudesse separar-se do amor; assim, procuram o amor pelo gozo, não se prendem com o amor. Porém os que assim fizerem, expõem-se a grande perigo, qual é o de voltar para trás quando lhes faltarem os gostos e as consolações, ou então distrairem-se com suas vãs, muito àquém do verdadeiro amor trocando êste por ficções enganosas e fementidas » (2).

* * *

« O' almas que sonhais com caminhos espirituais tranquilos e cheios de consolações! Ah! se vós soubesseis o quanto importa que sejais prova-

(1) D. Van Houtryve — *A Vida na Paz* — pág. 116 da trad. port. 2.^a ed.

(2) S. Francisco de Sales — o. c., — Liv. IX — Cap. X.



das, para atingirdes pelo sofrimento essa tranquillidade e segurança e essa consolação! Se vós soubesdes que é verdadeiramente impossível que, sem provações, atinjais o fim ao qual a alma aspira, e quanto se recua sem elas, ah! não buscaríeis nunca as consolações, nem da parte de Deus, nem da parte das criaturas! » (1)

(1) S. João da Cruz. — *Chama viva do Amor*. — estrofe 2.^a.

XIII

Lausperene

(Acção de graças)

Para o sacerdote a acção de graças começa após a comunhão do Corpo de Cristo. Serve-se de alguns versículos extraídos dos salmos que o Senhor recitou na última ceia e diz devagarinho :

« *Como hei-de eu retribuir ao Senhor tantos e tão grandes beneficios ?* »

Na verdade, pobrezinho dêle, como há-de ser isso, se todo êle é sombra e pequenez ?

E' tão grande o abismo entre o nada e o tudo !... Ah ! mas Cristo é o Caminho...

E o sacerdote toma então nas suas mãos indignas o *cális da salvação* e invoca e proclama o nome do Senhor :

Calicem salutaris accipiam et nomen Domini invocabo...

O cális é assim a expressão da sua acção de graças. Isto é: só Jesus é o Seu próprio louvor e a Sua acção de graças, porque só Ele é o verdadeiro sacerdote e a verdadeira hóstia: Ele o Verbo Incarnado, o cantor por excelência da glória do Pai.

O sacerdote bebe então o Sangue do Senhor, depois de formular o voto de que Ele lhe guarde a alma para a vida eterna.

E prossegue na sua acção de graças, enquanto lhe deitam vinho no cális :

« *Fazei, Senhor, que guardemos num coração puro o que a nossa bôca recebeu e que êste dom temporal seja para nós um remédio eterno* ».

Depois, enquanto lhe purificam os dedos sôbre o cális, com água e vinho, formula êste voto :

« *Senhor, fazei que o Corpo que eu recebi e o Sangue que acabo de beber penetrem intimamente no meu ser, e permiti que não fique em mim nenhuma mancha de pecado, já que jui reconfortado com sacramentos tão puros e tão santos* ».

Muitas vezes o *Postcommunio* exprime também esta mesma homenagem de gratidão imensa. Numa dessas orações (1) pedimos até para passar a vida numa perpétua acção de graças, num *lausperene*.

Ah! se assim fôsse!

¿ E porque não há-de-ser? E' tão fácil!...

Basta que haja conformidade entre o que dizemos ser e o que somos: *crístãos—outros crístos*.

E no entanto, estamos tão longe de ser o que devêramos! « E não digamos, por falta de generosidade, para desculpar a nossa preguiça, que somos fracos. Isto é verdade, verdade mais real do que pensamos. Mas, ao lado dêste abismo, pois é-o,

(1) *Repleti, Domine, muneribus sacris, da, quaesumus, ut in gratiarum semper actione maneamus.* (Dom.^a infra octavam Ascens.).

com efeito, da nossa fraqueza, que aliás se concilia perfeitamente com a boa vontade, e que nosso Senhor conhece melhor do que nós, há outro abismo, o dos méritos e tesouros de Cristo: — e, pela Comunhão, êsse Cristo é nosso » (1).

* * *

Antes de abençoar o povo o sacerdote anuncia o t ermo da missa. E então o povo responde-lhe com uma expressão de reconhecimento, de ac o, de graças: *Deo gratias* — Graças a Deus. Por vezes até   o sacerdote que convida o povo a agradecer ao Senhor, a bendiz -lo: *Benedicamus Domino* — bendigamos ao Senhor.

E o *Deo gratias* reaparece ao terminar o último evangelho e põe t ermo a t da a liturgia pública.

Então o sacerdote começa êsse belo cântico de ac o de graças — o *Benedicite*.

* * *

  E os fiéis ?

É Porque não hão de dar graças como o sacerdote e com o sacerdote ? É Porque não hão de servir-se da voz da Espôsa para falar ao Espôso ? É Porque não hão de dizer e redizer o seu amor com essas palavras tão antigas e tão novas ? . . .

(1) D. Marmion, *Jesus Cristo, Vida da alma*, edi o da *Opus Dei*, p. 318.

* * *

E' doutrina assente na santa Igreja que as Sagradas Espécies levam um quarto de hora, pouco mais ou menos, a serem consumidas. Tal deve ser, pelo menos, o tempo da nossa acção de graças depois da comunhão.

Dizia um dia alguém : se virdes que o vosso pároco dá acção de graças muito no ar e apressadamente, sem ter razão de pêsso para essa pressa, como seria uma occupação *necessária, indispensável e urgente*; ou se até — o que Deus não permita — nem sequer dá acção de graças, pedi muito por êle ao Senhor, porque entrou na agonia

O mesmo se pode dizer de qualquer fiel. . .

E faz tanta pênna — como já disse alguém — que, podendo ser templos de Deus, tantas almas sejam apenas míseros sepulcros !. . .

* * *

Conforme fôr o « Communio » e o « Post-communio » em especial, e em geral qualquer parte da missa ou até o mistério que se celebra, assim é *preferível* que seja a acção de graças ; assim saberá o pão de cada dia : hoje a renúncia, amanhã a humildade, depois a esperança, depois ainda a penitência, sempre o amor affectivo e sobretudo *efectivo*. Ora o amor alimenta-se, vive de união ; — união de sentimentos, pensamentos, obras.

E' o que diz Santo Agostinho : — « Se bem re-

ceberdes o Corpo de Cristo, sereis o que recebeis»
— cristãos, outros cristos. . .

* * *

¿Queres prolongar a tua acção de graças? Pode ser na verdade «que a graça da inspiração divina te leve pela afeição a prolongares o colóquio com Deus». *Se o podes fazer sem prejuizo dos teus deveres de estado*, repito; sem prejuizo dos teus deveres de estado, fá-lo em boa hora. ¿Como? De que *modo* (1) quizeres. O Espírito Santo te inspirará certamente o que mais te convém. «O essencial é reconhecermos a grandeza do dom divino, que S. Paulo declara «inefável»; é colhermos para as nossas necessidades e as de todos os nossos irmãos, de tóda a Igreja, os tesouros deste dom infinito» (2).

* * *

Lausperene! . . . ¿Parece-te impossível, no meio do bulício do mundo, elevar, de quando em quando, o coração a Deus, rápidamente, mas com muito affecto? Mas. . . «se a tua alma está em graça, todos os teus actos são orações. . .»

Quere dizer: — se os teus actos fôrem confor-

(1) Vide pág. 47 do Opúsculo *¿O que é a Liturgia?* do P.^e António Coelho, já atrás citado.

(2) D. Marmion — *J. C., vida da alma*, pag. 315 e seguintes.

mes com a tua condição de criatura livre e racional, de filho de Deus, o teu laborar será um louvor de Deus, tôda a tua vida será oração, será um *lausperene*.

E assim estarás a preparar-te para um novo ósculo, cada vez mais íntimo, com o divino Espôso, e para a comunhão sem fim do céu.

* * *

Lausperene!

Acção de graças, sim, sempre e por tudo... que a alma já desprendida de si mesma, tôda abandonada à Vontade Santíssima de Deus, tanto agradece a prosperidade como a adversidade, a saúde como a doença, o fervor como a secura interior. E dentro de si reina uma alegria e uma paz que nada poderá destruir.

¿Pois como não há-de ser assim, se já não é ela que vive, mas Cristo que vive nela?

Os começos fôram difíceis sem dúvida. Mas a alma generosa abriu-se às efusões da graça e foi-se a pouco e pouco libertando de si mesma até que chegou a um tal amor de Deus que expulsou todo o temor. E ei-la que começou a ter a felicidade em caminhar, e a fazer tudo, não já por temor do castigo, mas por amor de Cristo, e animada pelo deleite que sentia na prática da virtude (1).

E agora corre, voa nos caminhos do Senhor...

(1) *Regra de S. Bento* — final do cap. vii.

* * *

¿ Quando hás-de ser tu assim, meu irmão, meu cordeirinho branco que eu ando a tanger para o céu? Lembra-te que *tudo podes nAquele que te conforta* e que é «por Ele, com Ele e nEle que é dada a Deus Pai na unidade do Espírito Santo, tôda a honra e tôda a glória».

U. I. O. G. D.

Oferecimento da Missa

que D. Bernardo de Vasconcelos compôs para sua devoção particular.

Uno-me a tôdas as Missas que a todos os instantes se celebram no mundo inteiro e deponho-as nas mãos de Maria Santíssima, Medianeira de tôdas as graças, para que ela obtenha, por esta apresentação do Sangue de Jesus à SS. Trindade, a libertação das almas do purgatório, o alívio dos moribundos, a conversão dos pecadores e a perseverança dos justos.

Padre Eterno, ofereço-Vos o Preciosíssimo Sangue de Jesus em expiação dos meus pecados e pelas necessidades da Santa Igreja.

(100 dias de Indulgência
† António, Arc. Primaz)

NOVENA

para obter graças de Deus, espirituais e temporais, por intercessão de D. Bernardo de Vasconcelos.

Assista, se puder, durante nove dias ao Santo Sacrifício da Missa e participe dêle pela Santa Comunhão.

Reze cada dia da Novena três vezes o Padre-Nosso, a Avé-Maria e a Glória Patri em honra das três Pessoas da SS.^{ma} Trindade e ajunte esta Oração:

O' Deus, que manifestais a Vossa onnipotência principalmente perdoando as nossas iniquidades e compadecendo-Vos das nossas misérias, escutai propício as nossas súplicas.

Invocamos com fé e confiança o Vosso Servo Bernardo de Vasconcelos a quem escolhestes para ser na terra uma *Hóstia em Sangue* imolada ao Vosso Amor, e a quem depois da morte ilustrastes com tantas graças. E pedimo-Vos, por sua intercessão, que nos atendais na presente necessidade...

Concedei-nos, Senhor, esta graça que instantemente imploramos para Vossa maior honra e para glorificação do Vosso servo a quem desejamos venerar, imitar e invocar como modelo e protector da juventude portuguesa. Amen.

(100 dias de Indulgência
† António, Arc. Primaz)

(*As graças que receber, queira comunicá-las aos Padres Beneditinos de Tibães, Braga.*)

ÍNDICE

Prefácio dos Editores	V
Duas palavras.	IX
Sumário.	XV
I — Vou entrar no altar do Senhor!...	1
II — Pequei muitas vezes!	8
III — Senhor, tende piedade de nós!...	18
IV — Glória a Deus nas alturas .	24
V — Boa Nova (Evangelho).	31
VI — Hostia pro hostia (Ofertório).	41
VII — Actio I — Prefácio.	56
VIII — Actio II — Te igitur — Communicantes.	62
IX — Actio III — Consagração	73
X — Actio IV — Doxologia	85
XI — Osculo de Paz	98
XII — Osculo de Amor (Comunhão).	106
XIII — Lausperene (Acção de graças)	142
Oferecimento da Missa, composto e recitado por D. Bernardo de Vasconcelos	151
Novena, para obter graças por intercessão do Ser- vo de Deus D. Bernardo de Vasconcelos	153.